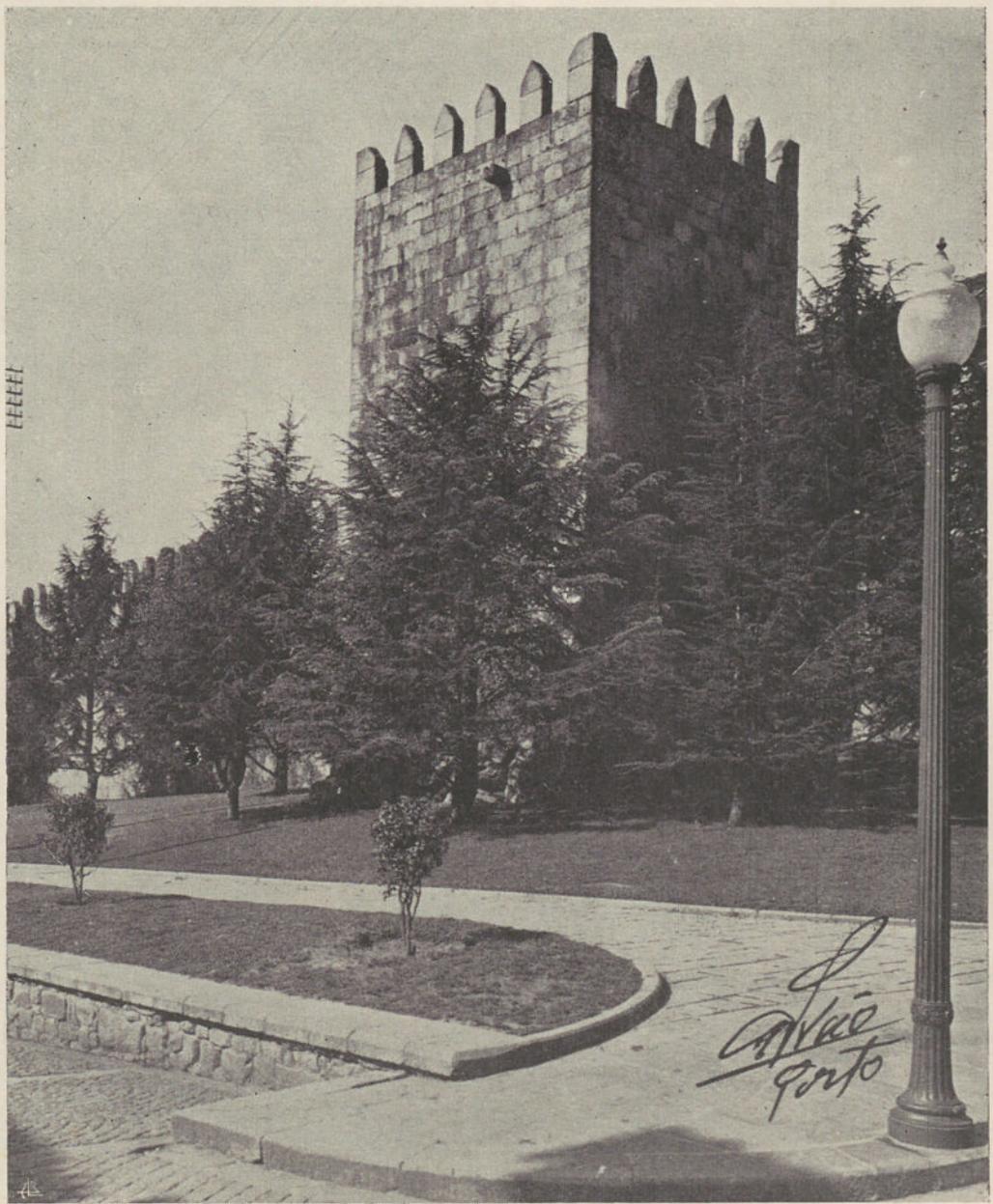


Gazeta das Aldeias



N.º 2416 * 1 DE FEVEREIRO DE 1960

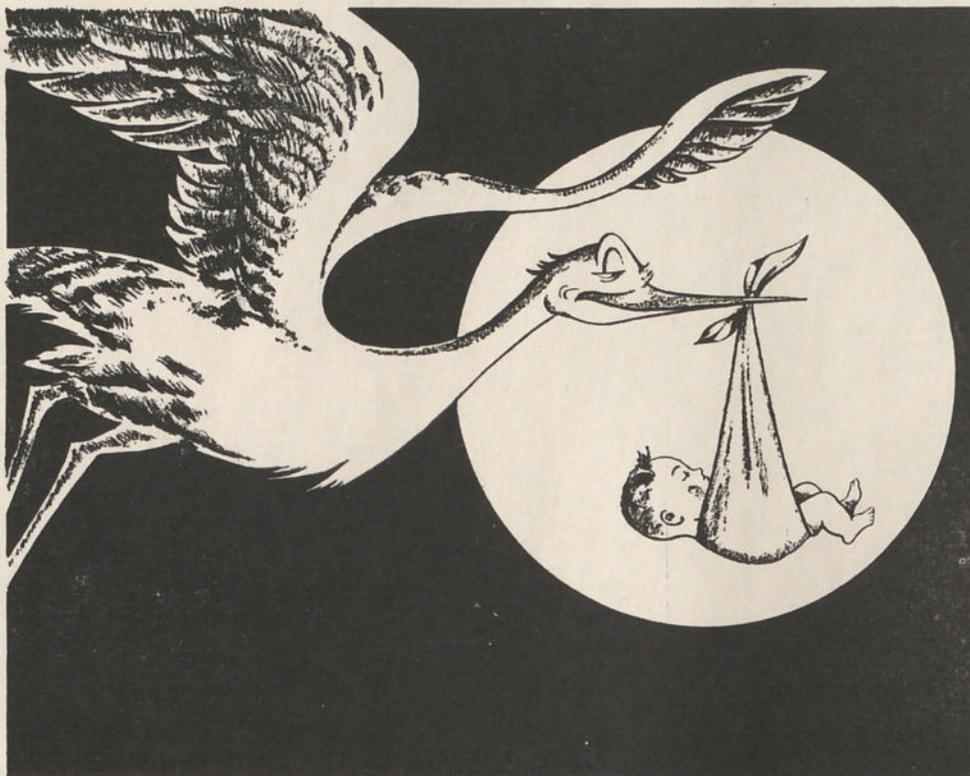
Sala

Est.

Tab.

N.º

TUDO O MAIS VEM SOBRE RODAS...



- Por isso, todos
nós muito devemos
à grande indústria
de TRANSPORTES!

Para todos os serviços



vão longe para fazer amigos

Snr. Lavrador

F a ç a a s s u a s c o n t a s !

Prefira como adubo azotado o

Nitro-Amoniacal C. U. F. Concentrado

com 26,5 % de Azoto

(Metade nítrico * Metade amoniacal)

pois é de todos os adubos azotados
aquele que resulta **MAIS BARATO.**

3455

Pode aplicá-lo, quer à

SEMENTEIRA quer em COBERTURA



Companhia União Fabril

L I S B O A

R. do Comércio, 49



P O R T O

R. Sá da Bandeira, 84

DEPÓSITOS E REVENDADORES EM TODO O PAÍS

À lavoura em geral e aos criadores de gado em especial

O sucesso que tem obtido os alimentos concentrados SOJAGADO é já hoje indiscutível Todos os Grémios da Lavoura nos têm manifestado o apreciável valor da SOJAGADO

- SOJAGADO N.º 1 — para vacas leiteiras
- SOJAGADO N.º 2 — para gado vacum em geral
- SOJAGADO N.º 3 — para porcos
- SOJAGADO N.º 4 — para aves e galináceos
- SOJAGADO N.º 5 — para aves até 8 semanas

3584

SOJAGERME — Proteínas + Gordura 36% (este para desdobramento e composição de rações)
SOJA PURA EXTRACTADA

Não engane o seu gado com alimentos pobres porque se engana a si próprio

SOJA DE PORTUGAL, LDA. * FÁBRICAS EM OVAR — Telef. 63
Escritórios em Lisboa, na Rua dos Fanqueiros, 38, 1.º — Telef. 23830 e 27806

Os pedidos podem ser feitos directamente aos n/ escritórios ou ao Sr. António Câmara Cordovil, Rua de Campolide, 55, 1.º, dt.º, Lisboa — Tel. 685262.

Para os seus seguros...

1820

Consulte a

Corporação Internacional de Seguros

Avenida dos Aliados, 54-2.º

PORTO

Seguros em todos os ramos

COQUELUCHE
ASMA · BRONquite · CATARRO · TOSSE
E OUTRAS DOENÇAS DO APARELHO RESPIRATÓRIO:
ALIVIO QUASI IMEDIATO COM A APLICAÇÃO EXTERNA DE:



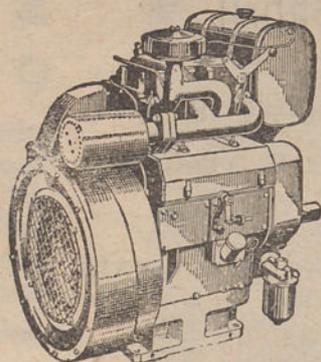
AMBRINOL
PRODUTO DE VALOR TERAPEUTICO INCOMPARAVEL, COMPROVADO POR CENTENAS DE ATESTADOS MEDICOS

LABORATÓRIOS DA FARMÁCIA VITÁLIA - PORTO
E.D.T.

2645

Motores Diesel

RUSTON



OS MELHORES PARA ACCIONAMENTO DE
LUGARES DE AZEITE, MORGENS, DEBULHADORAS, BOMBAS, ETC.
REDUZIDO CONSUMO — ROBUSTOS — ARREFECIDOS
POR AR OU ÁGUA

FACILIDADES DE PAGAMENTO

HARKER, SUMNER & C.ª, L.ª da
PORTO-33, R. de Ceuta, 48 14, L. do Corpo Santo, 18-LISBOA

3074

OS PRODUTOS "SCHERING"



PARA TRATAMENTOS DE INVERNO

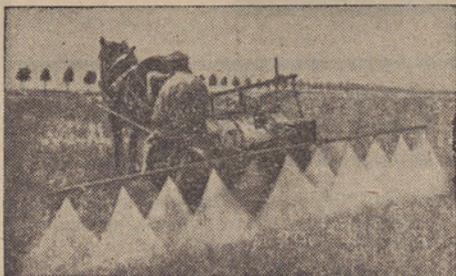
GILBOFORM "SCHERING":

Pó molhável contendo Dinitrocresol para o combate aos ovos e formas hibernantes de piolhos, psilas, lagarta da amendoeira, hiponomeuta, traças ou bichados da fruta, cochonilhas, mela, algodão ou ferrugem, das **vinhas e árvores de fruto**, bem como para a limpeza dos **troncos das oliveiras** de algas, musgos e líquenes.

CERA PARA ÁRVORES "SCHERING":

Cicatrizante rapidamente todas as fendas das árvores e das videiras resultantes da **poda, enxertia, frios, cancro, roeduras de ratos ou outros animais**.

PARA A MONDA QUÍMICA



Raphatox (50% de INOC)

M52 «líquido» (sal de sódio do MCPA)

M52 «pó» (sal de potássio do MCPA)

OS HERBICIDAS IDEAIS PARA O COMBATE ÀS ERVAS DANINHAS

Distribuidores Exclusivos:

AGUIAR & MELLO, LDA.

Praça do Município, 13-1.º—LISBOA

2891

DEPOSITÁRIOS EM TODO O PAÍS

Os 6

PRINCIPAIS MOTIVOS
DO ALTO VALOR DA
UROCRASINA

- 1º Dissolve e elimina o ácido urico
- 2º Activa a diurese
- 3º Regularisa a tensão arterial
- 4º Facilita a circulação do sangue
- 5º Combate a obesidade
- 6º Desintoxica e rejuvenesce

UROCRASINA
O específico Anti-urico por excelência

2810

3047



Peça uma demonstração ao vendedor mais próximo
AGENTE GERAL PARA PORTUGAL E ULTRAMAR
J. L. Duarte d'Almeida

R. S. Miguel, 61
PORTO - Telef. 26515

A Bomba que
lhe resolve o
seu problema
caseiro.

Água para la-
vagens a pres-
são e peque-
nas regas.

Liga-se à
linha da ilu-
minação; con-
sumo mínimo

H. KLEIN, L.^{DA}

Sucessores da casa H. KLEIN — fundada em 1894

Produtos Enológicos — Taninos, gelatinas, produtos especiais para o tratamento, melhora-mento e clarificação de vinhos.

Derivados de Mosto de Uva do Douro — Mosto esterilizado, Mosto concentrado, Mosto torrado.

Carvões vegetais activos — Para Enologia, Indústria açucareira, Indústria química.

Rua da Montanha, 177 — Vila Nova de Gaia
Telef. 390141 — Telegr. NIELK

1823

PASTAS Comerciais e de Estudantes
MALAS em couro, chapeadas e para avião
CONSERTAM-SE MALAS

1943



Não confundir **José Apolinário**
31 - Rua do Loureiro-33
(Pegado à Pensão de S. Bento)
TELEFONE, 23636 PORTO



Adbos Orgânicos

(Guanos, Purgueiras e Correctivo)

Para todas as culturas. Particularmente apreciáveis na cultura da vinha e nas de regadio.

Adbos Químico- -Orgânicos

Para Cereais, Batata, Milho, Vinhas e Árvores de Fruto.

Fosfato Thomas

O adubo fosfatado ideal para os terrenos ácidos, que constituem 85% dos terrenos portugueses.

Nitrato da Noruega

Poderoso fertilizante, indispensável em todas as culturas.

Adbos Complexos Edison

(Ternape 12-24-8, Ternape 14-14-14 e Binário 25-10).

Adbos químicos granulados de elevadíssimo valor fertilizante.

Cuprifer

Desinfectante de sementes a seco.

Acridion

Desinfectante de celeiros e estábulos.

A-Mur

Raticida bioquímico de óptimos resultados.

Sementes de Forragens e outras

Bersim, tremocilha, luzerna, etc.

.....
IRPAL é marca de qualidade
.....

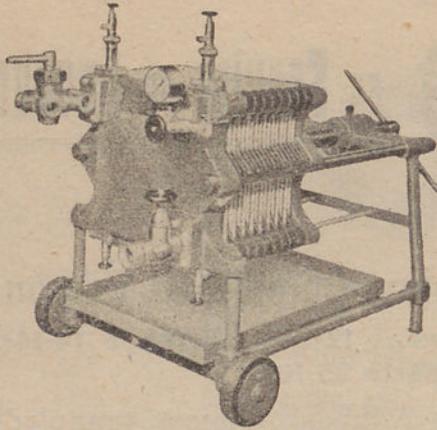
Dirigir pedidos e solicitar informações a:

IRPAL

1970

Indústrias Reunidas de Produtos para a Agricultura (S. A. R. L.)

Travessa do Almada, 20-2.º-Esq. — LISBOA — Tel.: 31167/31168



Ácidos Cítrico e Tartárico * Metabisulfito de Potássio * Taninos "DYEWOOD" * Solução Sulfurosa * Calgonit * Soda em Cristais * Sebos para Empostigar * Wino * Parafinas, etc.

Mustímetros * Glucómetros * Areómetros * Gluco-Enómetros * Termómetros * Acidímetros * Ebuliómetros * Vinómetros, etc.

Mangueiras de Borracha e de Plástico * Filtros * Bombas * Enchedores * Gaseificadores * Rolhadores * Tesouras para Poda.

3546

Sociedade de Representações Guipeimar, L.da

Rua de Rodrigues Sampaio, 155-1.
PORTO

Telefone, 28093
Teleg. Guipeimar

O MELHOR CAFÉ
É O DA

BRASILEIRA

61, Rua Sá da Bandeira, 91

Telefones, 27146, 27147 e 27148 — PORTO

(Envia-se para toda a parte)

2854

PARA AS GALINHAS

USAR o conhecido. DESINFECTANTE ZAP
ENÉRGICO, ACTIVO, EFICAZ
Aplica-se nos bebedouros das aves e é INOFENSIVO para os animais domésticos
Com o desinfectante ZAP as galinhas não se contaminam
Frasco pequeno . 12\$50 * Frasco grande : 50\$00
Vende-se em todas as farmácias, drograrias, aviários, etc.



DISTRIBUIDORES
GERAIS:

Vicente Ribeiro
& C.^a

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º, Df.º
LISBOA

SEMENTES

VER, OUVIR E CALAR... NÃO!

Veja, ouça... mas diga a toda a gente o que são e o que valem as nossas sementes. Para semear já, recomendamos:

ALFACES—COUVES PENCA—COUVES TRONCHUDA—COUVE LOMBARDA—COUVE BRÓCULO—COUVES FLORES—REPOLHOS—CENOURAS—RABANETES—ESPINAFRES—ERVILHAS DE GRÃO E DE VAGEM—FAVAS—PINHÕES—TOJOS—GIESTAS—TREMÓÇOS—LUZERNA—TREVÓ ENCARNADO—TREVÓ SPADONI—TREVÓ BERSIM—TREVÓ DA PÉRSIA—EUCALIPTOS—LAWN-GRASS—RAY GRASS—ETC. ETC.

E TODAS AS VARIEDADES DE BETERRABAS PARA FORRAGENS

Se desejar semear e colher... prefira as sementes que, com todo o escrúpulo, lhe fornecemos

A «SEMENTEIRA» de Alípio Dias & Irmão

Rua Mouzinho da Silveira, 17º — Telef.: 27678 e 33715 — PORTO

Catálogo Ilustrado—Em distribuição grátis



Adubos

HÁ MUITOS

**Mas para as suas
terras e culturas**

HÁ POUCOS

Não empregue adubos ao acaso!

Nas terras pobres em
cal aplique adubos
com cal activa.

Nenhuma propriedade sem



Fosfato

o único adubo fosfatado
com cal activa existente
no mercado, que deve
empregar em todas as cul-
turas efectuadas em solos
ácidos ou pobres em cal.

Thomas

ESTUDOS, INFORMAÇÕES E PROPAGANDA
SERVIÇOS AGRONÓMICOS
DO FOSFATO THOMAS
R. Sampaio Bruno, 49-2 - Lisboa

2800

AS BROCHURAS PUBLICADAS POR
ESTES SERVIÇOS SÃO ENVIADAS
GRATUITAMENTE A QUEM AS PEDIR

ácido tartárico italiano Montecatini

“antiga marca appula”



Vinicultores

peçam aos seus fornecedores esta antiga
e acreditada marca

MONTECATINI S. G. Milano Itália
adubos - insecticidas - fungicidas

todos os produtos químicos para agricultura e indústria

Agente

EMANUELE BARABINO

Rua da Prata, 93-2.º esq. - LISBOA

2925

SUMÁRIO

Quarta «Campanha»	81
Crónica — prof. Mario de Azevedo Gomes	82
O ensino da agricultura nos E. U. da América do Norte — eng. agrónomo Oriando Vasconcelos de Azevedo	85
A assistência técnica à lavoura na defesa das plantas — eng. agrónomo J. C. Silva Dias	87
Pequenas associações para a utilização em comum de máquinas agrícolas — eng. agrónomo Lopes Cordeiro	91
Calendário do lavrador	95
Mirante — Conde d'Aurora	95
Breves apontamentos sobre forçagem de estacas-enxertos — eng. agrónomo A. J. de Oliveira e Pinho	96
A culpa é dos pardais	99
Sistematização da cultura da vinha	100
Casse castanha ou oxidásica — eng. agrónomo Pedro Nuncio Bravo	103
O padrão oficial da raça bovina holandesa — médico veterinário José Carvalho Chaves	105
A pesca do pilado para estreme na costa portuguesa — Fernando Galhano	108
Caça e Pesca — O camarão de água doce — Almeida Coquet	109
Um inquérito	110
Secção Feminina	111
SERVIÇO DE CONSULTAS	
— Agricultura	113
— Fruticultura	113
— Patologia vegetal	114
— Enologia	116
— Zootécnia	117
— Apicultura	118
Informações	119
Intermediário dos lavradores	120

A NOSSA CAPA

Das Muralhas Fernandinas, obra defensiva do Porto, ordenada por D. Afonso IV, mas só concluída em tempos de D. Fernando, que lhe deu o nome, pouco nos resta hoje, sacrificadas, como foram, às exigências da urbanização cidadina, levada a cabo pelos Almadas, a partir do último quartel do séc. XVIII.

Desse pouco avultam o pano que se estende ao longo da escarpa dos Guindais, e a torre que o remata no seu extremo superior, torre essa que a gravura da capa reproduz.

ASSINATURAS

Ano	100\$00
Semestre	55\$00
Número avulso	5\$00
Estrangeiro (Excepto Espanha) — mais	50 0/0

Gazeta das Aldeias

Fundada por *Júlio Gama*

REVISTA QUINZENAL DE PROPAGANDA AGRÍCOLA

DIRECTOR

LUÍS GAMA

Engenheiro Civil de Obras Públicas e Minas [U. P.]

EDITOR JOAQUIM A. DE CARVALHO

Propriedade da Gazeta das Aldeias (S. A. R. L.) * Redacção e Administração: Av. dos Aliados, 66 — PORTO

Telegramas: GAZETA DAS ALDEIAS — PORTO * Telefones: 25651 e 25652

Composto e impresso na TIPOGRAFIA MENDONÇA (Propriedade da GAZETA DAS ALDEIAS)

Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º — PORTO

QUARTA «CAMPAINHA»

VÃO passados mais de trinta anos depois que o inolvidável Ministro da Agricultura, que foi Linhares de Lima, promoveu a *Campanha do Trigo*, que resultou plenamente graças ao esforço do lavrador e à abnegação dos técnicos, que em colaboração constante com o agrícola — como indicara o Ministro — lhe encutiram fé, entusiasmo e sobretudo confiança nos resultados do esforço despendido.

Volvidos anos, Rafael Duque, Ministro da Economia, lançou nova Campanha, a chamada — *Produzir e Poupar*.

Após estas, outra Campanha — a da *Intensificação Agrária*, ordenada pelo Subsecretário da Agricultura, Professor Victória Pires — se levou a efeito. Nela, tal como nas anteriores, pelejaram, lado a lado e com igual entusiasmo, engenheiros agrónomos e lavradores e do esforço comum resultou largo benefício para a colectividade.

Entrou em plena execução o Plano de Fomento para a Agricultura, Silvicultura e Pecuária, que visa, fundamentalmente «aumentar e melhorar a produção até aos limites do abastecimento do mercado interno e das possibilidades de exportação — sobretudo de cereais, produtos hortícolas e florestais, frutos, carnes e lacticínios — e de corrigir a repartição do rendimento agrícola».

É esta a quarta Campanha em que nos empenhamos e de cujos bons resultados nem por sombras temos dúvidas, pois corresponde inteiramente aos anseios do lavrador, que, tal como se verificou nas anteriores campanhas, encontrará a seu lado, acompanhando-o e guiando-o na sua árdua tarefa, técnicos sem dúvida tão diligentes e sabedores como aqueles que intervieram nas campanhas passadas, porém conhecedores, agora, das qualidades e aptidões do nosso solo agrícola, outrora ignoradas mas que hoje, graças ao trabalho exaustivo desses mesmos técnicos se encontram na sua maior parte, já conhecidas e estudadas.

Assim, desta campanha, ora em curso, sairemos igualmente vencedores, e com bem mais largo benefício não apenas para o lavrador, mas ainda para a Nação.



Crónica

Pelo Professor MÁRIO DE AZEVEDO GOMES

TENHO presente o relatório do quadriénio de 1955-58 em que a Associação dos Regentes e Beneficiários do Vale do Sado dá circunstanciada conta dos resultados obtidos com a respectiva «Obra de Rega». Apresenta-o, como Presidente da Direcção, o engenheiro agrónomo F. Pereira Beija.

A iniciativa desenvolve-se em região e campo de aspectos fisionómicos assaz diferentes daqueles em que labuta o agricultor nortenho, leitor mais comum da Revista. Mas nem por isso me furto ao desejo de dedicar esta «Crónica» a uma análise, embora muito sumária, do «Relatório» — volumoso trabalho de mais que 400 páginas, acompanhadas de numerosos quadros — pois que, continuando a ser o problema da rega um dos nossos maiores problemas, há sempre vantagem em fixarmos a atenção naquilo que vai sendo competente e conscienciosamente apurado a seu respeito.

Acumulam-se ali, entre ensaios e provas, entre experiências e resultados económicos considerados normais, dados importantíssimos a caminho de cobrirem um decénio. Por outra parte, basta folhear o trabalho para se averiguar do detalhe a que se desce nos registos de vária índole e como a técnica do regadio se assenhoreou da grande empresa, a comanda e não esmorece no sentido de aperfeiçoá-la cada vez mais.

Como no decurso de várias circunstâncias me tenha permitido estranhar certo silêncio, ou, pelo menos, escasso detalhe informativo, do ponto de vista do andamento e sucesso relativo dos vários empreendimentos da hidráulica agrícola, é com prazer que saúdo o aparecimento desta minuciosa *informação pública*, e presto homenagem a quem a proporciona.

Por mim penso, desde já o afirmo, que o possível aperfeiçoamento da empresa — a que aludo acima — terá que ser feito no sentido do *social*, olhando essencialmente à soma de benefícios adquiridos pelos rurais interessados na «Obra» e ligados directamente à zona beneficiada. Toda a crítica final que me permitirei fazer a determinados números levará este jeito; e, aliás, estou certo que uma tal intenção está

presente no espirito dos principais responsáveis pelo vasto empreendimento e assim o deduzo, para exemplo, de algumas passagens que passo a transcrever:

«Grande número de regantes de outras culturas — (que não a do arroz dominante em mais de 90 o/o da área) — é constituído por trabalhadores que cultivam pequenos hortejos cedidos gratuitamente pelas casas agrícolas e beneficiam, também, desde 1956, da cedência gratuita de água por parte da Associação». «Algumas casas agrícolas estabelecem contratos com trabalhadores em que, além das terras e da água, as empresas concorrem com máquinas, gado de trabalho, sementes, adubos, e adiantam as importâncias necessárias para os salários. Os trabalhadores ficam directamente interessados nos resultados da exploração, competindo-lhes percentagens variáveis sobre os valores das produções ou sobre os rendimentos líquidos, segundo as circunstâncias».

Ao valorizar-se a importância regional da obra de rega escreve-se, também, num sentido comparativo: «... A esta zona ribeirinha opõe-se a zona interior, onde — salvo restritas manchas... — o defeituoso regime pluviométrico e a extrema pobreza das terras determinam uma actividade agrícola precária em regime de sequeiro, sempre que se faz basear na cultura arvense. Os seus resultados, mal podendo, em geral, cobrir escassos salários de miséria — que outros não suportam — estão bem longe de conferir prosperidades àqueles que directamente vivem da exploração da terra...»

Por outra parte, ainda, não deixa de assinalar-se a preocupação a respeito do dia de amanhã quando a mais acentuada mecanização se instale na vasta exploração arroseira (3.715 Ha em 1958, 6.798 Ha previstos perante o aproveitamento total, com valorização da extensa mancha de «sapais» do curso inferior do Sado, agora em regime de «Direito Público Marítimo»).

Escreve-se, a propósito desse futuro: «Mas aqui, como no resto do País, a cultura mantém-se na dependência de uma volumosa mão de obra (200 a 300 jornais por hectare) que dá lugar a afluxos e refluxos anuais de milhares de trabalhadores. Esta circunstância constitui, ainda, na presente conjuntura, um benefício social, a fazer-se sentir em várias regiões do País, enquanto não forem resolvidos de maneira mais eficiente os problemas demográficos que aí subsistem». E, mais adiante: «A mecanização elimina ou reduz grande parte dos trabalhos braçais tantas vezes penosamente realizados durante uma série de operações de preparação das terras... quase na mesma proporção em que os orizicultores franceses fazem descer, em cada hectare, para menos de dois, os 30 a 40 jornais que, com os métodos tradicionais, absorvem a colheita, debulha e secagem do arroz».

Esta parece ser, na verdade, uma faceta do empreendimento em curso que não pode ficar minimizada quanto à sua importância.

Adivinha-se como possível o recurso a outras culturas, que não a orizícola, mais capazes de servir e sustentar o pequeno agricultor; aqui, ocorre dizer que, como é natural, essas manchas de culturas variadas, aproveitando mais ou menos da rega ou com as áreas regadas confinantes se estabeleceram já com relativo sucesso.

Os números de 1958 para as superfícies são, arredondando: de arrozal — 3.716 Ha; de outras culturas — 303 Ha, superfície esta, portanto, coisa de $\frac{1}{12}$ da primeira.

Não obstante, a produção obtida — 19.608 Ton. no arrozal, 2.789 Ton. nas outras culturas — atribui um rendimento unitário (aliás excelente) de 5.277 Kg/Ha para arroz, contra 9.223 Kg/Ha no conjunto das outras culturas. Claro que esta desproporção é illusória, ao chegar-se ao valor comercial: o arrozal rendeu 13.685 \$/Ha, contra 5.933 \$/Ha para as outras culturas. Porém, estas, continuam a interessar sobremaneira, para o meu ponto de vista inicial — interessam a muito mais gente.

Citando, apenas, o caso dos *regantes* no mesmo ano de 1958: 44 fizeram só arroz, 26 arroz e outras culturas, e outras culturas exclusivamente 84, isto num total de 154 regantes havendo utilizado os serviços da Associação.

Por isto mesmo, sempre que seja possível, parece de boa política agrária acrescentar aqui o número das pequenas explorações não orizícolas. E é exactamente neste sentido que se pronunciam, aliás, colegas engenheiros agrónomos, associados, que foram chamados a examinar certos aspectos económicos-financeiros da empresa, quando, para exemplo, propõem o esquema futuro dos aproveitamentos nesta base:

6.798 Ha para arrozal
1.800 Ha para outras culturas

No primeiro caso, a dotação em água de rega está prevista para uma média de 21.260 m³/Ha, e no segundo caso para 7.000 m³/Ha.

Voltando ao assunto *salários* e terminando com ele: no ano de 1958 a mão-de-obra empregada foi de um total de 1.135.936 U.H. tendo o arrozal, de sua parte, absorvido o melhor de 1.114.762 U.H. Valeram os salários pagos 21.582 contos, o que dá um "jornal" razando pelos 19 escudos.

Se há, em todo este importante depoimento, capítulo que se mostre carecido de desenvolvimento — ousa dizê-lo — é precisamente este de modo a que nos permita acompanhar a movimentação do trabalhador ao longo de cada campanha e adentro do quadriénio estudado e nos dê ideia suficientemente esclarecedora do benefício social apregoado e que, claro está, se não contesta.



O ensino da agricultura nos Estados Unidos da América do Norte

Por ORLANDO VASCONCELOS DE AZEVEDO
Engenheiro Agrônomo

OS Estados Unidos são, certamente, um dos países do mundo onde mais firmemente se crê nos benéficos efeitos da educação. Por essa razão todos os planos que visam o desenvolvimento e o progresso do país, em qualquer dos sectores da vida nacional, envolvem necessariamente sistemas de educação e de ensino que estabelecem e asseguram a participação e cooperação da população nesses mesmos planos e a integram nas directrizes que orientam a vida da nação.

Assim sucede com a agricultura. Procura-se difundir mais e mais o seu conhecimento, não só com o fim de formar lavradores, mas também para enraizar nas massas juvenis o gosto pela vida do campo e o culto pela Natureza.

Num país largamente industrial, como os Estados Unidos da América do Norte, admite-se que a sua estruturação moral e social poderá, em grande parte, ser influenciada pelas massas rurais, pelos benefícios que advêm do seu convívio com a Natureza e do conhecimento das suas mais variadas manifestações.

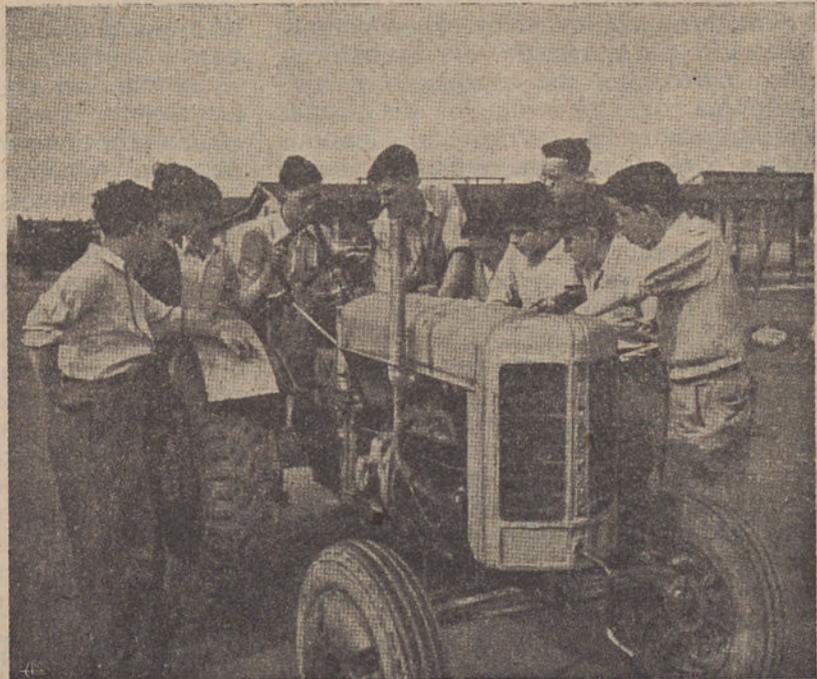
Com base nestes ideais estabelece-

ram-se os famosos Clubes dos 4H (das palavras inglesas heat, heart, hands e healthy)⁽¹⁾ os quais reúnem milhares e milhares de rapazes e raparigas que se entregam não só às actividades agrícolas propriamente ditas mas ainda às tarefas que permitem formar boas donas de casa, esclarecidas e instruídas em economia doméstica, corte de vestuário, labores, culinária, etc.

Os cursos dos 4H são orientados e assistidos directamente por técnicos do

(1) A sua tradução em português é respectivamente cabeça, coração, mãos e saúde.

Os rapazes dos Clubes dos 4H familiarizam-se com a mecânica do tractor





Dois guias dos 4 H aprendem, com o agrónomo assistente, a maneira de distinguir as deficiências nutritivas pela coloração das folhas.

Ministério da Agricultura norte-americano. Em muitos dos countries (unidade administrativa um pouco maior do que o nosso concelho) existe, ao lado do Country Agent, ou seja o agrónomo especialmente destinado para assistir aos lavradores, outro agrónomo, um agrónomo e uma agrónoma sòmente dedicados aos rapazes e raparigas dos Clubes dos 4 H. Além dos cursos a que assistem, os filiados levam a efeito dados trabalhos, na maioria dos casos nas suas próprias casas, cujos resultados e produtos são coroados de êxito em competições e exposições onde os melhores recebem o justo galardão.

Este é um dos aspectos da divulgação dos conhecimentos agrícolas nas grandes massas populacionais.

Por outro lado, nas High Schools, escolas secundárias que correspondem aos nossos Liceus, também o ensino da agricultura está devidamente organizado. Com esse fim dispõem de Professores especialmente preparados nas Escolas de Agronomia com o Curso de Educação Agrícola.

O Curso de Professor compreende, além de diferentes cadeiras de Agronomia,

várias outras especialmente destinadas a preparar os futuros mestres de Agricultura para a sua tarefa educativa. Tanto o curso de agrónomo como o curso de professor têm o mesmo número de anos — 4.

Nos Liceus, o ensino de Agricultura está distribuído pelos vários anos que os alunos frequentam e não só é realizado nas aulas como, em grande parte, em casa. Assim, é na sua própria lavoura que o aluno aplica os conhecimentos adquiridos, acompanhando a execução de um projecto. Este projecto consta da cons-

trução duma dada tarefa agrícola como seja o da engorda e criação de um dado número de cabeças de gado ou o da produção duma certa cultura ou ainda a execução de determinado trabalho que concorra para a melhoria da exploração agrícola.

Assim, no ensino agrícola, aplica-se largamente o lema «aprender, fazendo».

Na própria escola professores e alunos dedicam semanalmente muitas horas a trabalhos manuais, pelo que as suas instalações incluem sempre, a par da sala de aula e laboratório, uma extensa oficina com as respecticas bancadas para trabalho, soldagem e forjas.

Embora nem todos os Liceus dos Estados Unidos possuam secções agrícolas, contudo são muitos os que as possuem. Ao terminar a guerra, em 1945, existiam 7.218. Os Liceus deste tipo localizam-se, em geral, em zonas de carácter nitidamente agrícola ou onde os seus habitantes, pela sua iniciativa e elevado espírito compreensivo, votam maior atenção aos problemas educativos e ao ensino profissional.

Gravuras reproduzidas de «Clubes dos 4 H nos Estados Unidos da América» pelo Prof. A. Sousa da Câmara. Publicação da Administração de Segurança Mútua em Portugal.

A ASSISTÊNCIA TÉCNICA À LAVOURA NA DEFESA DAS PLANTAS

Pelo engenheiro agrónomo J. C. SILVA DIAS

ESCREVEMOS estas notas no desejo de auxiliar muitos lavradores e alguns técnicos a aproveitar os serviços postos à sua disposição por diversas entidades oficiais e particulares que dedicam a sua actividade a procurar os melhores meios de combate às pragas e doenças prejudiciais às culturas agrícolas e florestais. Gostaríamos também de poder demonstrar até que ponto é completa a estrutura nacional de defesa da produção agrícola.

Hoje mais que nunca o lavrador encontra-se perante inúmeros problemas fitossanitários e tem de se convencer de que os bons métodos de combate às doenças das plantas são tão difíceis de encontrar como na medicina humana ou dos animais.

Frequentemente, a aplicação de uma boa técnica de defesa fitossanitária representa a diferença entre uma cultura ruínosa e uma produção compensadora, embora, pelo que vemos, alguns lavradores portugueses, responsáveis, julguem que sucede o contrário...

O lavrador progressivo deve porém estudar, ler, indagar para procurar atingir todos os dias o objectivo essencial de qualquer indústria: produzir bem, pelo mais baixo custo. No aspecto fitossanitário deve indagar junto dos técnicos agrícolas — engenheiros agrónomos e regentes agrícolas — quais os melhores produtos, as melhores máquinas e as melhores oportunidades de tratamento, etc.

É do seu interesse — diremos, obrigação — levantar directamente ou por intermédio da organização corporativa em que se enquadra, os problemas que afligem a sua produção agrícola, sejam esses problemas fitossanitários ou outros.

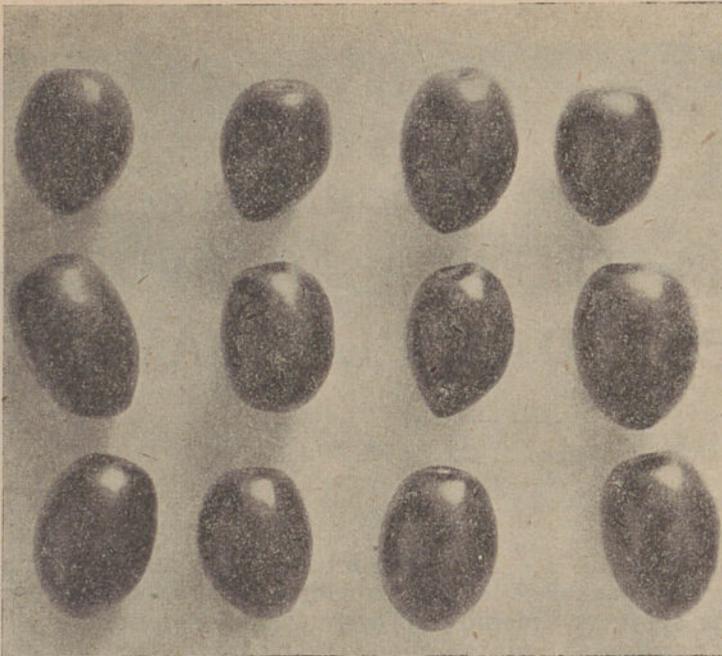
• • •

Existe um grande número de entidades que estudam e divulgam os meios de combater as pragas e doenças das plantas cultivadas ou dos produtos agrícolas quando armazenados.

Podemos dividi-las em duas categorias: as entidades oficiais e as particulares.

Das entidades oficiais, a mais importante é a **Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas** que depende da Secretaria de Estado da Agricultura. Esta Direcção-Geral abarca quase todos os problemas técnicos da Agricultura nacional. Dispõe de quadros técnicos muito completos que contavam em meados de 1959 com 263 engenheiros agrónomos e 130 regentes agrícolas, além de outro pessoal técnico, administrativo, auxiliar, etc.

Parte deste pessoal distribui-se pelos chamados organismos regionais que recebem as designações de Estações Agrárias, Postos Agrários e Brigadas Técnicas. Estes organismos dispõem ainda de delegações distribuídas pela sua área de acção e possuem, para a resolução dos problemas fitossanitários da Lavoura, além de técnicos especiali-



Um exemplo da assistência técnica à Lavoura desenvolvida pela acção simultânea da D. G. dos Serviços Agrícolas e de firmas comerciais; em cima azeitonas tratadas com *Rogor* no combate à mosca da azeitona; em baixo azeitonas não tratadas. O ataque de mosca provoca frequentemente prejuizos de 30 % na colheita da azeitona.

zados, os necessários meios materiais, como transportes e bons parques de máquinas de aplicação (pulverizadores, atomizadores, etc.)

A assistência técnica fitossanitária dada pelos organismos regionais faz-se directamente ou por intermédio dos Postos de Sanidade Vegetal, anexos a grande número de Grémios da Lavoura. Os Postos de Sanidade Vegetal têm desempenhado uma tarefa muito importante e terão de desempenhar no futuro trabalhos de grande repercussão na assistência fitossanitária. Acompanhados constantemente pela Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas foram, por exemplo, executados pelos Postos de Sanidade Vegetal, no ano

de 1952-53 cerca de 1.315.000 tratamentos a árvores de frutos em todo o País.

Dos organismos centrais que apoiam e orientam o trabalho dos organismos regionais há que destacar no campo da fitossanidade, a Repartição de Serviços Fitopatológicos directamente dependente, como Repartição central, do Director-Geral dos Serviços Agrícolas. Esta Repartição tem por missão promover, em colaboração com outros organismos da mesma Direcção-Geral, o estudo e aplicação dos meios mais económicos e eficientes de combate às pragas e doenças das plantas.

Competem ainda a este importante organismo central as questões de sanidade de viveiros e legislação respectiva,

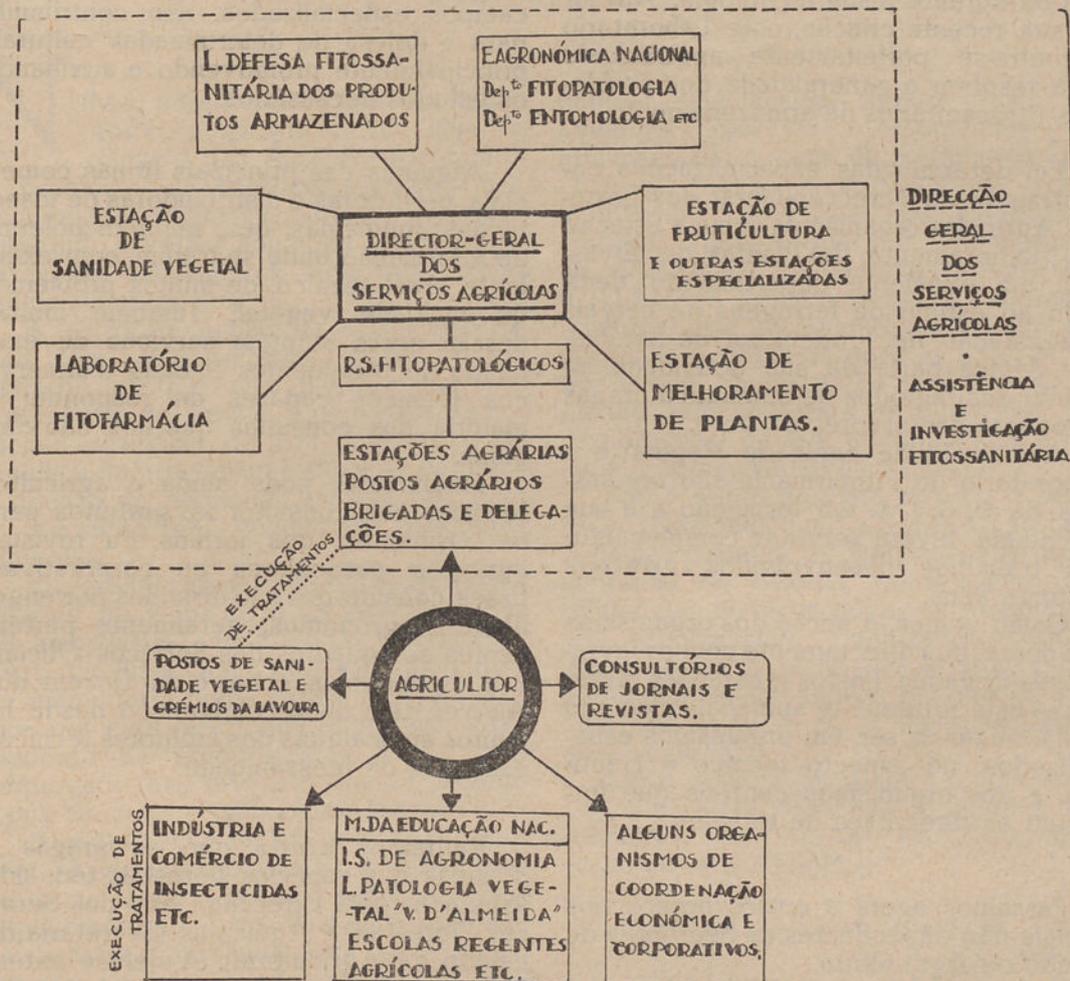


bem assim como a regulamentação técnica da produção e importação da batata de semente.

Como estabelecimento estritamente técnico e científico, empenhado na resolução de um grande número de proble-

Estadística contribuem para a resolução de problemas desta natureza.

A Estação Agronómica Nacional conta com um dos maiores quadros de investigação nacionais e tem os seus créditos firmados em diversos trabalhos com



Organismos oficiais, corporativos ou particulares que no âmbito nacional ou regional estão preparados para conceder à Lavoura assistência de carácter fitossanitário. A defesa de souts, montados e pinhais compete, no plano oficial, à Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas.

mas de carácter agrário temos a Estação Agronómica Nacional, ainda dependente também do Director-Geral dos Serviços Agrícolas. No ramo fitossanitário ou afins trabalham os Departamentos de Fitopatologia (doenças das plantas) e de Entomologia (insectos prejudiciais) mas outros como os de Fisiologia, Botânica e

repercussão na técnica agronómica nacional, tanto na metrópole como no ultramar. Citamos entre diversas linhas de trabalho encetadas ou já resolvidas por aqueles departamentos: «maromba» das vinhas do Douro, gafanhotos do Sul do País, mosca da azeitona, «brança» do arroz, pragas da tremocilha, etc.

Um outro organismo da D. G. S. A. devotado à resolução de problemas de sanidade especiais é o Laboratório de Defesa Fitossanitária dos Produtos Armazenados que, como a sua designação o indica, estuda problemas de defesa das pragas e doenças de cereais e outros produtos alimentares, quando armazenados ou durante a sua tecnologia. Apesar da sua recente criação, este Laboratório encontra-se perfeitamente apetrechado para resolver a generalidade dos problemas fitossanitários de armazenamento.

Em determinadas especializações encontramos na Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas organismos como a Estação de Melhoramento de Plantas de Elvas, com um excelente departamento dedicado ao estudo de ferrugens de cereais e a Estação de Fruticultura de Setúbal, que dedica parte da sua actividade ao estudo dos métodos de combate a pragas e doenças das árvores de fruto.

A Estação de Sanidade Vegetal e o Laboratório de Fitofarmácia são organismos da D. G. S. A. em formação e a sua actividade deverá servir de complemento aos trabalhos desenvolvidos noutros sectores afins.

Como vemos, a acção dos organismos que contactam directamente com os lavradores—Brigadas, Postos e Estações Agrárias—está fortemente apoiada, como não podia deixar de ser, em organismos especializados, no aspecto técnico e científico, e nos organismos centrais que fornecem as directrizes de trabalho.

Passamos agora a outros organismos oficiais não dependentes da Secretaria de Estado de Agricultura.

O *Instituto Superior de Agronomia*, o *Laboratório de Patologia Vegetal «Verissimo d'Almeida»*, as *Escolas de Regentes Agrícolas* (Santarém, Évora e Coimbra), e outras *Escolas Agrícolas*, são organismos oficiais, dependentes do Ministério da Educação Nacional que dispõem de excelentes quadros técnicos para fins de ensino ou ensino e investigação especializados em fitossanidade. Todos estão em condições de responder a consultas sobre problemas de doenças de plantas. O «La-

boratório Verissimo d'Almeida» tem grande tradição neste capítulo e no da investigação. Trata-se de facto da mais antiga instituição oficial portuguesa devotada a problemas de defesa das plantas.

Alguns organismos de coordenação económica e corporativos, embora em campos especializados, têm contribuído para a defesa de determinadas culturas, principalmente promovendo e auxiliando os estudos necessários.

Algumas das principais firmas comerciais, produtoras e distribuidoras de insecticidas, fungicidas, etc., mantêm boletins de informação onde se tratam, com excelente nível técnico, de muitos problemas de sanidade vegetal. Também muitas dessas casas mantêm serviços de execução de tratamentos e todas têm serviços técnicos capazes de responder à maioria das consultas que lhes são dirigidas.

Finalmente, pode ainda o agricultor recorrer aos consultórios, gratuitos para os assinantes, dos jornais ou revistas agrícolas particulares ou corporativas. Esses consultórios são dirigidos por engenheiros agrónomos, geralmente pertencentes aos quadros dos Serviços Oficiais e a alguns deles, como o da *Gazeta das Aldeias*, têm dado colaboração desde há muitos anos alguns dos melhores técnicos nacionais de fitossanidade.

Refiramos ainda que as pragas e doenças das espécies florestais têm sido estudadas pela Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas (Secretaria de Estado da Agricultura). A defesa extensiva de montados, soutos e pinhais contra pragas e doenças, efectuada segundo os processos mais modernos, tem sido orientada ou executada por esta Direcção-Geral.

Assim, contam-se entre os empreendimentos de defesa vegetal, realizados pelos Serviços Florestais, tarefas tão importantes como o combate à «limantria» e «burgo» dos montados de sobre e de azinho, «processionária» dos pinhais, «tinta» dos castanheiros, etc.

Pequenas associações para a utilização em comum de máquinas agrícolas

Por LOPES CORDEIRO
Engenheiro Agrônomo

NUMA nossa intervenção na Rádio Rural, publicada no n.º 2408 da *Gazeta das Aldeias*, abordámos o problema da motomecanização das pequenas e médias explorações agrícolas sugerindo diversas soluções, retiradas de exemplos estrangeiros facilmente generalizáveis entre nós.

A estrutura actual da nossa agricultura, que se caracteriza, numa grande parte do território nacional, por uma predominância de médias e pequenas explorações agrícolas do tipo familiar, é de molde a emprestar uma situação de favor à difusão de pequenas associações para a utilização em comum de máquinas agrícolas.

Em grande número de casos as necessidades de trabalho e as possibilidades de amortização de material, geralmente caro, não justificam a utilização individual da maquinaria numa exploração agrícola que, por esta razão, nos impossibilita um aumento da produtividade de trabalho empregado nas diversas tarefas produtivas e produzir a mais baixo preço.

A motomecanização individual representará sempre o objectivo a atingir, mas de forma a que daqui não surja um sobre-equipamento ruinoso. Nestes casos, antes da decisão, o problema deve ser técnica e economicamente ponderado, avaliando o rendimento da diferente maquinaria a colocar em acção, a superfície de incidência, o número de horas de trabalho possível para as diferentes máquinas e, sobretudo, uma análise cuidadosa das possibilidades duma fácil e eficiente assistência ao material a adquirir.

Em França, onde a motomecanização das pequenas e médias explorações agrícolas tem sido motivo de constantes e aprofundados estudos por parte de emi-

nentes especialistas, tem-se criado um ambiente favorável a associações para utilização em comum da maquinaria agrícola, cifrando-se o seu número, actualmente, em cerca de 9.000. Estas associações, designadas por Cooperativas de Utilização de Máquinas Agrícolas (C. U. M. A.), reúnem-se numa Federação Nacional cuja acção se reveste de grande interesse e utilidade para as C. U. M. A. no campo da instrução profissional, da gestão administrativa e financeira das explorações, da sua contabilidade e nos seus aspectos jurídicos e fiscal.

Sob o ponto de vista técnico, a Federação Nacional das C. U. M. A. procede a demonstrações de material, cuja apresentação se destina, quase sempre, a evidenciar técnicas novas recomendadas por especialistas, organizando também sessões de formação profissional necessárias à preparação dos quadros do pessoal das C. U. M. A. e das suas federações regionais.

Estas associações para a utilização de máquinas agrícolas são reguladas por estatutos, um protótipo dos quais apresentamos seguidamente:

Contrato de compra e de utilização de
(material)

Entre os abaixo assinados:

..... Explorando, respectivamente, uma superfície total de
..... ha, ha,
..... ha.

foi acordado o que segue:

Art. 1.º — Os abaixo assinados acordaram em comprar e utilizar em comum um (designação do material) pelo preço de Este material será pago a dinheiro, tomando cada contratante a seu cargo uma parte proporcional ao

número de hectares de lavoura que explora à data da compra, ou seja:

..... ha	o/o	Esc.
..... ha	o/o	Esc.
..... ha	o/o	Esc.

Art. 2.º — A factura de compra do material será passada em nome dos associados. Não é necessário precisar a parte com que cada um dos associados contribui para a compra.

Art. 3.º — F. designado pelos outros associados, encarrega-se de efectuar junto dos vendedores ou de terceiros tudo o que for necessário à compra e utilização do material.

Utilização do material

Art. 4.º — Os abaixo assinados compromete-se a utilizar o na sua própria exploração; uma ajuda ou trabalho para terceiros só deverão efectuar-se com o acordo de todos os associados.

Art. 5.º — Os signatários terão à sua livre disposição o material para efectuar os seus trabalhos. Todavia, nos períodos de trabalho intenso e para evitar conflitos de utilização, é decidido que será reservado especialmente a cada associado dia e meio por semana, mesmo no caso de não utilizar o material completamente. Estes dias são: Terça depois do meio dia e quarta para o Senhor; quinta e sexta feira até ao meio dia para o Senhor; sexta depois do meio dia e sábado para o Senhor

(Este artigo é dado a título de exemplo podendo variar segundo a natureza do material).

Manutenção e reparação

Art. 6.º — É ao último utilizador que pertence a responsabilidade da limpeza e do abrigo do material depois do uso. Entretanto, durante os períodos mortos de trabalho, o material será recolhido em casa do Senhor sob a responsabilidade de este último. O Senhor é também encarregado, em nome dos associados, de verificar a boa execução de todos os trabalhos de reparação previstos no artigo 8.º abaixo mencionado.

Art. 7.º — Pertence ao associado que toma a seu cargo o material assegurar-lhe perfeito estado de funcionamento. Se constata qualquer anomalia, deve, sob pena de suportar a responsabilidade, informar o precedente utilizador e reunir, se necessário, dentro de 2 dias, o conjunto dos associados.

Art. 8.º — As despesas de manutenção e de reparação do material serão suportadas pelo conjunto dos associados nas mesmas proporções da compra.

Art. 9.º — Entretanto, as despesas ocasionadas por uma avaria accidental (consequência de negligência, de má manutenção ou de má manobra) serão suportadas pelo seu autor, a menos que seja decidido o contrário pela maioria dos associados.

Art. 10.º — Os associados concordam em não deixar a associação no espaço de 5 anos (ou 3 anos). Passado este espaço de tempo, um dos associados poderá vender a sua parte a um outro agricultor

com a condição de que este seja do agrado dos outros associados.

No caso da saída de um dos associados, a estimativa do material será feita por um perito.

Em caso de venda a uma pessoa estranha, o preço de venda de parte poderá ser debatido livremente entre o vendedor e o comprador, mas fica bem entendido que este preço de venda em nenhum caso modificará os direitos do novo associado que ficarão os mesmos do que os do seu predecessor.

Art. 11.º — No caso de um dos associados querer sair da associação sem motivo válido e sem o acordo da maioria dos seus consócios perderá todos os direitos.

Art. 12.º — No caso da morte de um dos co-proprietários, um ou os outros associados poderão:

— quer constituir a associação com o herdeiro e sucessor do defunto que ficar na exploração;

— quer comprar a parte do desaparecido, tendo em atenção o valor do material fixado pelo perito quando da morte;

— quer ceder a cota nas mesmas condições a um terceiro do agrado deles.

Neste caso, os herdeiros do defunto beneficiarão do preço da cessação, dedução feita da quota parte das despesas que eventualmente haja a pagar.

Art. 13.º — Quando metade dos membros da associação exigirem a dissolução da Sociedade, o material será vendido e os fundos repartidos proporcionalmente na o/o de origem.

Quando a dois ou mais associados lhes agrade o material, a atribuição será feita por tiragem à sorte.

Modificação da exploração

Art. 14.º — Quando um dos associados fundadores modificar para mais ou para menos a superfície da sua exploração, proceder-se-á a uma nova avaliação das participações de cada um em função das novas superfícies, do valor do material no dia da modificação e segundo as mesmas normas em que se baseou a fundação da associação. Os aumentos ou diminuições das participações regular-se-ão no campo entre os associados.

Art. 15.º — Salvo no caso de modificação da exploração prevista no art. 14.º, toda a decisão respeitante à forma da sociedade, à participação de cada associado e às regras previstas no presente acto, não poderão ser modificadas a não ser por unanimidade de votos.

Art. 16.º — Todas as outras decisões poderão ser tomadas pela maioria; seja de 3 votos ou de 2 e uma abstenção (isto no caso de uma associação que tenha, por exemplo, 3 associados).

Lido e aprovado

O preço de utilização da maquinaria é habitualmente estabelecido tomando como base, quer tempos de trabalho, número de Kgs. trabalhados, toneladas

Calendário do Lavrador

FEVEREIRO

Nos campos

Lavouras. Continuam neste mês, quando o tempo consinta, as lavouras preparatórias, que já devem ter sido iniciadas em Janeiro.

Sementeiras. Nas regiões frias semeiam-se favas, e ainda ervilhas. Se estas sementeiras tiverem sido feitas anteriormente e as plantas tenham já um certo desenvolvimento, sacham-se, o que é sempre boa prática, pagando o aumento de produção, em virtude do amanhã, o trabalho despendido.

Iniciam-se as sementeiras dos cereais de Primavera — aveia, cevada e trigo — e ervilha e fava, nas regiões mais agrestes; nas mais temperadas pode semear-se o grão-de-bico.

Prados. Com o emprego da grade, do extirpador e até mesmo do ancinho, faz-

de produto colhido ou os hectares trabalhados.

No caso das máquinas rebocadas são estas, praticamente, as únicas formas de procedimento válidas.

Tratando-se, no entanto, de tractores ou de máquinas automotoras ou de maquinaria accionada à tomada de potência, parece preferível, por se tornar cómodo, calcular o preço do custo baseando-o na quantidade de combustível ou carburante consumido, dado que este consumo traduz o trabalho mecânico efectuado. Por isso se tornará indispensável fixar, previamente, um certo preço por litro de combustível ou carburante consumido.

No entanto, este último processo de calculo, terá uma applicabilidade mais consentânea com aspectos técnicos funcionais, como se trate de um motor Diesel, cujo consumo pode ser considerado como proporcional à potência efectivamente fornecida e utilizada.

-se a limpeza, retirando em especial folhas mortas e ervas ruins. Sobretudo nos prados de leguminosas é de aconselhar esta prática. Além disto, procede-se à adubação, que deve ser criteriosamente estabelecida; é necessário não esquecer que quanto mais rica for uma forragem em fósforo e cálcio, mais concorrerá para melhor rendimento do gado, quer em leite ou carne, quer ainda em trabalho. Mas seria desnecessário lembrar isto, que todo o lavrador bem sabe.

Em algumas regiões pode iniciar-se a plantação de batata, sendo no entanto aconselhável que não se antecipem muito as plantações do tubérculo, a não ser o destinado à venda como primor.

É tempo de ir pensando em monda dos trigais. Relembra-se a monda química que, quando utilizados produtos de qualidade e confiança — e, tendo estas qualidades, não faltam no mercado — resulta económica e eficaz.

Nos vinhedos

O principal trabalho, em Fevereiro, na vinha, é a poda, que em muitos casos terá começado já no mês anterior.

Após a poda, deve proceder-se à limpeza das vinhas, removendo-se as lenhas; e no caso do terreno ter sido muito calcado, é conveniente dar-lhe uma cava.

Nos terrenos secos, continua-se — ou a iniciam os retardatários — a plantação que tenha sido planeada e... autorizada. Do mesmo modo se procederá, relativamente a adubações e mergulhias.

Cuida-se dos viveiros, quer de estacas simples ou já enxertadas.

Continuam as surribas nos terrenos que não foi possível arrotear no Verão ou no Outono, tendo-se no entanto em conta que são estas as épocas mais apropriadas para tal género de trabalhos, por ser mais fácil a destruição de plantas daninhas, sobretudo ervas ruins.

Já em alguns pontos começam as enxertias, em plantações feitas.

E — seria preciso lembrá-lo? — fazem-se reparações nos bardos e ramadas.

Nos pomares

Como se disse nas notas aqui publicadas referentes a Janeiro, uma das principais preocupações do pomareiro, que o sabe ser, é o combate invernal às pragas que depredam o seu pomar. Neste período, a desinfecção — empreguemos o termo — da árvore de fruta é relativamente fácil, económica e destrói muita praga que mais tarde é difícil de combater. Por isto relembramos o que foi dito no anterior número.

É necessário pensar na adubação. Não se julgue que a fruteira tem obrigação de dar bom e abundante fruto, se não for convenientemente fertilizado o terreno do pomar.

As adubações devem fazer-se na época apropriada; caso contrário não resultam, ou o resultado é pouco compensador.

Mas isto está a tornar-se longo, para recordatória; passemos a linguagem mais lacónica.

Continuam-se as plantações; procede-se à poda; e se ainda não está feita a limpeza das árvores, levá-la a cabo o mais depressa possível. O motivo da pressa já acima ficou dito.

Desde meados do mês em diante, quando o tempo decorra favorável, pode iniciar-se a enxertia.

Faz-se a sementeira (pevides) de pereira e macieira, de pêssegos e damascos (carços) para assim se formar viveiro que forneça *cavalos* para enxertia.

É também conveniente e útil plantar estacas de marmeleiro e oliveira que mais tarde servirão para o mesmo fim.

Nos olivais

Iniciam-se os tratamentos nos olivais, devendo ter-se em conta que a oliveira, pelo menos tanto como as outras fruteiras, exige cuidados, por muitos julgados dispensáveis.

Um dos trabalhos de maior importância nos olivais, no período em que vamos entrar, são os serviços de poda e de lim-

peza que devem ser feitos com cuidado e por pessoal que saiba do seu ofício.

Há, sem dúvida, podadores conscientes, com longa prática, em cujo trabalho se pode confiar; mas o inverso verifica-se também e até com certa frequência, do que podem resultar prejuízos grandes para o olivicultor. Repetimos, por isso, o que já dissemos nos trabalhos referentes a Janeiro: não é difícil encontrar agora podadores de oliveiras que trabalhem conscientemente.

Relembrem-se as adubações químicas, que devem ser completas e equilibradas nos seus elementos. Pode ainda fazer-se a adubação orgânica.

Nas regiões frias — e bem frio decorre, este ano, o tempo — as adubações químicas podem ficar para mais tarde.

Também, se o tempo não decorrer agreste, deve cuidar-se da plantação de estacas.

Nas hortas

Continuam-se os trabalhos principia- dos no mês anterior.

Inicia-se a sementeira de alfobres de hortaliças, alfaces, chicórias, aipo, rabanetes, espinafres, ervilhas de grão e de quebrar, feijões, tomateiros, pimentos e ainda cebolas.

Plantam-se as espargueiras seguindo as instruções dadas nestas páginas.

E quando se tenham feito já no mês anterior algumas sementeiras — o que é pouco provável, porque o tempo decorreu áspero e frio — procede-se à transplantação.

Faz-se a limpeza dos morangais e preparam-se as valeiras e covas para as sementeiras de melões, que nas regiões mais temperadas poderão já fazer-se em princípios do mês seguinte. O período que medeia entre este trabalho e a sementeira só trás benefícios.

Ainda se plantam batatas para colheita temporã; e também, em certas regiões e sobretudo em locais soalhentos, alcachofras e alhos.

Nos jardins

A série de trabalhos indicados para o mês de Janeiro — podas, limpeza e pre-

paração de terras — podem ainda continuar-se neste mês.

São muitas as flores que devem ser semeadas em Fevereiro para se obter uma floração temporã. A época de sementeira depende do modo como decorra o tempo, frequentemente vário.

Se o mês começar por fortes geadas — já as sentimos bem no frígido Janeiro — ou demasiadamente agreste e húmido, é necessário aguardar melhores dias; se houver meio de proteger as plantas, sobretudo as mais delicadas, para as variações bruscas de temperatura, fazem-se as sementeiras na segunda quinzena do mês. Os trabalhos deverão ser dirigidos ou efectuados por quem seja cuidadoso e tenha consciência do que está a fazer.

Nas estufas deve prestar-se especial atenção às cinerárias, primulas, ciclamens e outras plantas de floração primaveril, arejando-as bem sempre que seja possível.

Nas matas

Continua-se a luta contra a processionária do pinheiro, luta que deve ter sido já iniciada em Janeiro. Prossegue-se na apanha de pinhas para colheita de penisco.

Já em alguns pontos se pode iniciar a plantação de pinheiros depois de haver sido preparado o terreno.

Ainda pode fazer-se o corte de algumas árvores.

As árvores abatidas devem ser prontamente retiradas das matas, especialmente os pinheiros, tão cedo quanto possível, para evitar que sejam atacadas, especialmente quando a temperatura principia a elevar-se, pelas várias pragas que tanto as danificam.

Continuam-se as plantações iniciadas no mês anterior.

Nas adegas

Os vinhos, mesmo quando feitos com cuidado, e cuidado tenha sido o material da adega, exigem sempre atenção constante. Já foi apontado o que o adegueiro deveria fazer em Janeiro; não difere o seu trabalho no mês que ora entra, a não ser neste ponto: prestar a maior atenção aos vinhos e cuidar constantemente da limpeza da adega e do material que utiliza.

MIRANTE

FLORES ARTIFICIAIS

Pelo CONDE D'AURORA

Um velho amigo meu de infância que iniciou na Alemanha um curso de engenharia (e o veio acabar na Tapada da Ajuda) trouxe uma vez na bagagem uma «mulher de borracha» que descobriu no espólio de certo velho gaitero, diplomata das suas relações.

Mulher em tamanho natural — para total imitação do natural...

Não a cheguei a ver porque o meu amigo, durante a viagem, com receio de complicações alfandegárias, deitou-a ao mar.

Mas essa mulher vem-me com frequência à memória sempre que vejo a substituição das flores naturais por flores artificiais — moda cada vez mais usada, infelizmente!

Essas frias e imutáveis flores mortas, inertes, de plástico, a invadir as montras e os salões de hotéis, pensões, casas de pasto e da pequena (e até grande!) burguesia!

E às vezes até perfumadas, para cúmulo da perversidade e sadismo — até perfumadas!

E é a mesma coisa que a mulher de borracha do outro — exactamente a mesma coisa: tentar imitar aqueles milagres da Natureza, de cambiantes e subtilezas, de vibrações e vivência intensas — com o que é morto, inerte, impassível, hirto, imitação!

É agressiva, até, além de contra-natura, a flor artificial.

E há tão grande profusão de flores naturais, desde as mais humildes e modestas — nesta ocasião lembro a própria flor do tojo e a da mimosa, uma e outra doirando e ensoalhando de cor a paisagem...

E tantas mais, todo o ano — que as lojas da especialidade parece só conhecerem cravos, rosas e orquídeas — essa espécie de perú e caviar das casas dos ricos...

Há um ano, ao passar num prado cerca de Santiago de Compostela, atraiu-me a cor de rebuçado, o tom vitralesco das varas dos salgueiros — cortei um com a tesoura de poda que me anda sempre na bolsa do carro, era uma vara de mais de um metro. Pois alegrando-me a casa de jantar pela sua linha e cor, apenas metida em água, passado mais de dois meses, rebentou no início da Primavera...

Eu gostaria que se fizesse uma campanha (mais uma campanhal) a favor das flores naturais; contra as flores artificiais; a favor das flores silvestres, das flores modestas, das flores populares, rurais, proletárias, as mais perto da Natureza e da Terra.

Encher a Cidade de flores e de verdura — despejá-la do artificial, quando pudermos, e, em particular, da flor artificial, absolutamente igual à mulher de borracha de tamanho natural de aquele meu amigo...

Breves apontamentos sobre forçagem de estacas-enxertos

Por A. J. DE OLIVEIRA E PINHO
Engenheiro Agrónomo

(Conclusão do número 2399)

Ao falar-se da forçagem em estufas, teve-se o ensejo de dizer que este processo era de todos o mais caro, pois obrigava a instalações adequadas apenas acessíveis a organizações de certo vulto, quer de carácter industrial quer de carácter associativo, como as cooperativas.

Os processos de forçagem que a seguir se descrevem são os que têm maior viabilidade de execução por parte dos viticultores, pois todos eles são acessíveis economicamente e de resultados satisfatórios desde que na sua execução se não descurem os meios de favorecerem as condições indispensáveis ao bom desenvolvimento dos fenómenos de soldadura e enraizamento das estacas-enxertos.

Forçagem em cama quente

Este processo consiste em dispor as estacas-enxertos sobre uma camada de areia com cerca de 20 cms de altura, assentando esta camada numa outra de estrume fresco, de preferência cavalhar, e não muito palhoso. A camada de estrume deve ter cerca de 40 cms de altura.

O local de forçagem ideal seria um armazém térreo, com janelas vidradas; no entanto, também se podem forçar as estacas-enxertos em caixotes, preparados

como já se indicou no processo das estufas, conservados num estábulo, sobre o estrume.

Neste processo, o que é interessante é o aproveitar-se a temperatura desenvolvida pela fermentação dos estrumes frescos. Quem em Horticultura tiver trabalhado já com camas quentes, bem depressa poderá compreender o fundamento deste processo.

Uma vez feita a cama quente, como se indicou, colocam-se as estacas-enxertos em posição vertical, dispondo-se cerca de 1.000 a 2.000 por metro quadrado; por fim, cobrem-se com cerca de 2-3 cms de areia. A duração média da forçagem anda por 40-45 dias.

Forçagem em estufins

Este processo consiste em forçar as estacas-enxertos em estufins do tipo horticola, sobrepondo-as em diversas camadas de areia ou musgo, de preferência aquela por ser de mais fácil aquisição e menos susceptível a doenças e pragas.

As dimensões a dar ao estufim dependem da quantidade de material a forçar e das disponibilidades do viticultor na sua construção, muito embora umas simples e toscas tábuas sirvam para o efeito; o mais caro são, sem dúvida, os vidros mas,

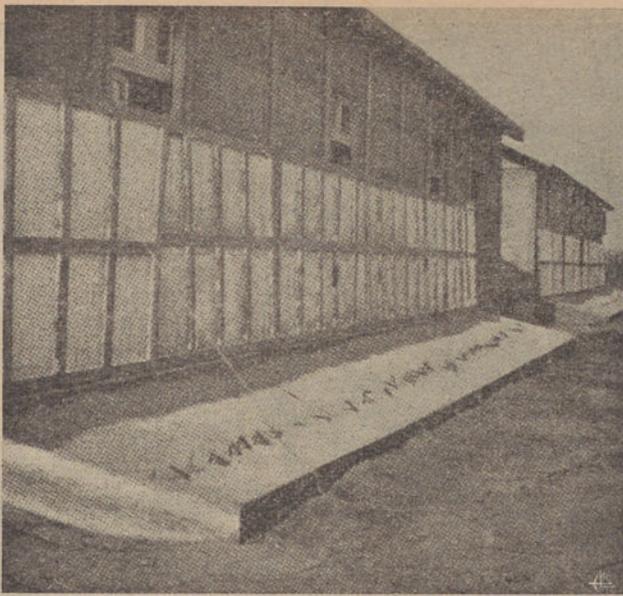


Fig. 1 — Estufins para forçagem de estacas-enxertos

havendo o necessário cuidado na sua manipulação, é material que pode durar muitos anos.

Como se procede neste tipo de forçagem? Muito simplesmente:

Junto de um muro exposto a sul arma-se um estufim, dando-se, previamente, ao terreno uma inclinação próxima dos 33° para que os raios solares incidam o mais perpendicularmente possível sobre a tampa do estufim e ser já máximo, portanto, o aquecimento solar.

O enchimento de cada estufim começa por uma camada de cerca de 10 cms de areia no fundo, sobre a qual se colocam deitadas as estacas-enxertos; deve começar-se pelo lado mais baixo do estufim, de modo a permitir-se um melhor aproveitamento da sua capacidade.

Uma vez efectuada a primeira camada, cobre-se com 5-6 cms de areia, começando-se outra e assim sucessivamente, até completo enchimento do estufim. Convém que as estacas-enxertos não fiquem em contacto com as paredes do estufim, para o que se recomenda que entre as ditas paredes e as primeiras estacas fique uma camada de 10 cms de areia.

Cheio o estufim, tapa-se este com os vidros ou baixa-se a tampa. Durante a noite, e para evitar perdas de calor por irradiação, recomenda-se cobrir as vidraças com esteiras que se retiram de manhã, com o sol a bater já no estufim; da mesma

maneira se recomenda levantar a vidraça ou retirar um ou mais vidros quando o sol está muito quente e haja o perigo da temperatura interior ultrapassar os 30°C.

Convém nos primeiros 3-4 dias regar um pouco todos os dias; após este período, basta regar de 3 em 3 dias e quando surgirem os primeiros rebentos devem suspender-se as regas. A água a usar deve ser tépida e conter 0,25 o/o de sulfato de cobre; as regas devem, além disso, ser efectuadas com um pulverizador de jacto forte muito fino.

Em boas condições, a forçagem deve dar-se por terminada após 30-35 dias. Este método, largamente aplicado em Itália, mostra-se muito conveniente nas regiões setentrionais ou de altitude, onde as Primaveras são relativamente frias (Fig. 1).

Forçagem em areia

Este processo é de todos o mais barato e o mais simples, pois não só dispensa caixotes, como ainda camas quentes ou estufins.

No entanto, para regiões setentrionais em que os frios entram pela Primavera dentro, a sua simplicidade não garante resultados satisfatórios, a não ser que a forçagem se faça num aposento coberto e aquecido, o que o encarece e lhe rouba simplicidade e comodidade.

Como se opera neste processo?

Num local bem exposto a sul, junto de um muro ou de uma palissada, previamente construída, e com altura suficiente para proteger o local da forçagem dos ventos frios do norte, montam-se uma espécie de compartimentos, de 50-60 cms de largura, limitados lateralmente por tábuas simplesmente sobrepostas e apoiadas a estacas fixadas no chão. Estas tábuas devem ser, realmente, apenas sobrepostas para facilitar depois a retirada da areia.

É em cada um destes compartimentos, de 50-60 cms de altura, que se colocam as estacas-enxertos a forçar, não sem, primeiramente, se limpar o chão convenientemente de ervas e pedras e dispor sobre o fundo uma camada de areia húmida de 5-6 cms de altura. Em seguida, reunidas as estacas-enxertos em feixes de 20-30, colocam-se verticalmente estes feixes, com o

garfo para cima evidentemente, começando-se o trabalho por dispor uma fileira de feixes ao longo do muro ou palissada e assim sucessivamente, até se colocarem todos os feixes. Não convém que os feixes fiquem em contacto nem com o muro ou palissada nem uns com os outros, enchendo-se os espaços vazios com areia bem seca. A areia deve estar bem seca para melhor se preencherem os espaços vazios, da mesma maneira que não deve ser demasiadamente fina, nem conter terra ou detritos orgânicos. Uma vez os feixes bem aconchegados de areia, devem-se cobrir com uma camada de 5-6 cms e regar, de modo a manter-se a areia convenientemente húmida; as regas devem fazer-se, depois, quando necessárias, para manter a areia sempre ligeiramente húmida.

Quando o tempo corre de feição, com temperaturas da ordem dos 18-20°C, pode dar-se por terminada a forçagem ao cabo de 50-60 dias. Terminada esta, vão-se retirando os feixes, procedendo à plantação das estacas no viveiro. Recomenda-se todo o cuidado na retirada da areia que envolve os feixes para se não destruírem os enxertos nem as raízes que, porventura, possam ter as estacas-enxertos (Fig. 2).

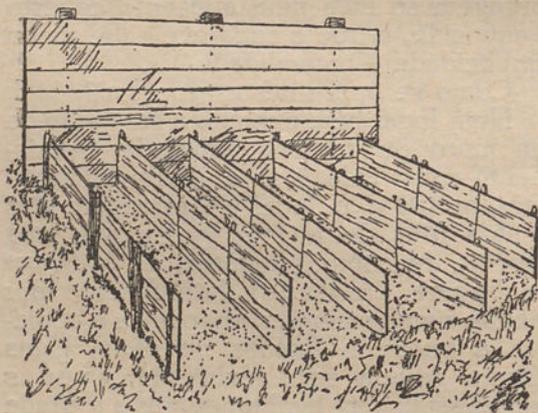


Fig. 2 — Palissada para forçagem de estaca-enxertos em areia.

Estes são, de maneira resumida, os processos de forçagem de estacas-enxertos que, com maior ou menor voga, se usam em Viticultura. A sua aplicação e adopção pode trazer inúmeras vantagens à Viticultura de cada uma das nossas



Fig. 3 — Plantação de estacas-enxertos pré-forçadas

regiões vinhateiras, podendo mesmo afirmar-se que é uma pedra basilar na estruturação moderna de uma Viticultura progressiva.

Porque com a forçagem se tenta fugir ao perigo das improvisações e à fatalidade das contingências da rotina, afiguram-se, entre outras, as seguintes vantagens:

1— Decorrendo os fenómenos de soldadura e enraizamento em ambiente mais ou menos controlado, a forçagem garante, em boa medida, uma melhor e mais perfeita consolidação das enxertias.

2— Obrigando à criação de um viveiro, mesmo modesto, a forçagem dá-nos a possibilidade de seleccionar, ao fim de um ano de viveiro, as melhores plantas, considerando-se como melhores as que apresentem boas condições para virem a ser produtoras de riqueza.

3— Exigindo, pelos resultados mais seguros que oferece, o tipo de enxertia de fenda inglesa, a forçagem ensina ao viticultor um melhor aproveitamento dos dias chuvosos e dos serões que poderão ser integralmente aproveitados na execução das enxertias.

4— Sendo trabalho feito em casa, a forçagem obriga o viticultor a conhecer melhor todos os elementos que o habilitam a «dizer o que são as suas videiras», isto é, a saber que na sua exploração existem estes e aqueles porta-enxertos,

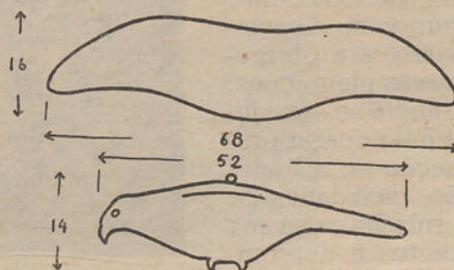
nestas e naquelas castas, uma vez que o material de trabalho deve estar etiquetado e ser mantido etiquetado. Esta vantagem deve ser considerada de suma importância, pois é o único meio seguro de se ajuizar conscientemente do valor dos complexos que cada um tem na exploração.

5—Mais tarde ou mais cedo, a forçagem ensinará ao viticultor que é de toda a vantagem ter na sua exploração um viveiro de pés-mães de porta-enxertos, embora pequeno, mas capaz de garantir a genuinidade do material que se trabalha e de o prevenir contra as flutuações e falhas do mercado de barbados.

6—Como mais evidente, apresenta a forçagem a vantagem de conseguir pelo menos um ano de avanço em relação à enxertia no local definitivo, uma vez que, ao fim de um ano de viveiro, já uma percentagem grande de plantas, devidamente enraizadas, enxertadas e desenvolvidas, poderão ser transplantadas para o local definitivo.

7—Ao fim e ao cabo, a forçagem é uma técnica vitícola que pode ter imenso interesse no combate à tão falada e discutida rotina do nosso rural, contribuindo com a sua quota parte para o desenvolvimento técnico e social dos nossos lavradores.

A culpa é dos pardais...



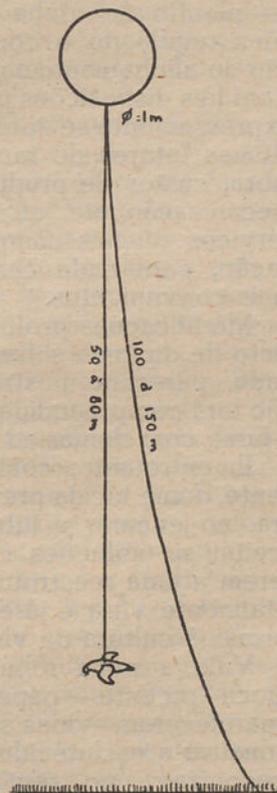
Em muitas zonas, certas culturas são quase impossíveis pelas depredações que sofrem das aves granívoras e, dentre estas, das mais prejudiciais são os pardais. São verdadeira preocupação para campos de ensaio e de selecção onde o valor das sementes e dos estudos é posta em causa pelo bico voraz do pardalito vivo e azougado.

Muitos são os métodos preconizados para a defesa, mas todos eles, ao fim de pouco tempo, de eficácia muito discutível pela esperteza e desconfiança dos pardais.

Lembram-se as taramelas, o rapazito a bater latas, os grãos envenenados (processo pouco recomendável por perigoso) e tantos outros.

Na estação de melhoramento de plantas de Montpellier, em França, foi posto em prática o método que a gravura junta claramente explica.

Uma silhueta de ave de rapina recortada em metal leve (aluminio) é suspensa dum longo fio, por sua vez ligado a um balão meteorológico preso a comprido cabo. O processo parece dar óptimos resultados, pois os pardais não desconfiam do embuste, nem a ele se habituam. O único óbice é conseguir o balão e o seu custo.



Sistematização da cultura da vinha

Por A.

JÁ lá vão uns anos — o tempo passa depressa — que num projecto de legislação sobre condicionamento de plantio da vinha figuravam disposições regulando o compasso e a obrigação do alinhamento das novas plantações. Com tais disposições pretendia-se — assim expressamente se afirmava — encarar problemas futuros de rarefacção de mão-de-obra, custos de produção, facilidades de mecanização, etc., etc. e entregava-se aos serviços oficiais competentes a determinação, para cada caso, dos compassos mais convenientes.

Modificações profundas que esse projecto de diploma sofreu antes de promulgado, parecem mostrar que a intenção não fora compreendida ou que tinha vindo a lume com demasiada antecipação.

E, entretanto, como era lógica, prudente, duma lúcida previsão! Até corajosa era, ao encarar o futuro de frente e ao aceitar as soluções capazes de satisfazerem a uma reestrutura do trabalho que fatalmente viria e já está a impor, novas formas à cultura da vinha.

Vale a pena rebuscar papéis dessa época recente — papéis que ainda não amarelecera — mas suficientes para demonstrar a esclarecida orientação que se preconizava no sentido de obter uma maior produtividade do trabalho e uma defesa da economia vitícola quando os preços de custo fossem afectados por uma valorização da mão-de-obra.

No referido projecto de diploma, repetidamente e em várias das passagens do seu articulado, se dispunha que os compassos seriam determinados para cada



Armação em "festão", no Minho central

caso e tendo em vista possibilitar a mecanização, um mais conveniente aproveitamento do solo e obter menores custos de produção.

Para tal se conseguir davam-se aos respectivos serviços de condicionamento poderes para, em cada autorização de plantio, indicar os compassos, quer entre bardos, quer entre videiras, nos bardos ou linhas nas vinhas não aramadas e ainda indicar as castas e sua percentagem no intuito da defesa da qualidade. Parece que foram fundamentalmente estas disposições e talvez uma «sensibilidade» à intromissão dos serviços que levaram às lamentáveis alterações.

Enquanto que entre nós, em 1951 eram afinal prematuras e incompreendidas estas medidas, neste ano que corre, volvidas umas escassas 8 vindimas, publicações francesas e italianas da especialidade a miúdo se referem à sistematização e reestrutura da cultura da vinha no sentido de obviar às dificuldades que a rarefacção

e encarecimento da mão-de-obra fizeram aparecer ou acentuar.

Ainda há pouco o assunto foi bem destacado nesta revista (1).

Um dos Centros de Estudos de Técnica Agrícola — os C. E. T. A. que em França estão a ter actuação destacada e merecedora de estudo — o de Cadillac, resolveu, sob a orientação dos seus dirigentes, procurar as soluções mais vantajosas para uma série de problemas que previamente equacionaram.

Após largos trabalhos e experimentação, enveredam deliberadamente pelo afastamento dos bardos e aumento do compasso entre as videiras, de forma a permitir um trabalho fácil da máquina e a garantir uma boa defesa do solo e con-



Formas altas, em plano horizontal de algumas regiões italianas

servação da sua fertilidade, pela prática das adubações verdes. Vão até à modificação da altura dos bardos, que é aumentada, no intuito de afastar do solo a vegetação da videira, diminuindo o perigo das geadas e dando maiores rendimentos aos trabalhos da poda e defesa anticriptogâmica.

Os compassos adoptados nas novas plantações variam de $3,6 \times 1,2$ a $3,5 \text{ m} \times 1,5 \text{ m}$, sendo os bardos elevados a cerca de 2 metros.

Nas velhas plantações, corajosamente, foram para o arranque de fila sim, fila não e para a elevação dos bardos.

Os primeiros resultados — a experimentação continua — podem resumir-se:

Sob o ponto de vista da qualidade

— A alta qualidade dos vinhos de Cadillac mantém-se se as fertilizações

são racionais e a quantidade se não procura por qualquer preço.

A qualidade pode ser melhorada pela cultura de castas finas, que se adaptam melhor à nova forma de cultura.

Sob o ponto de vista da quantidade

Nos primeiros anos parece haver ligeira diminuição, mas dentro em breve, a quantidade é superior à obtida em igualdade de superfície de terreno.

Sob o ponto de vista económico

O custo de produção por hectare baixa fortemente e devido principalmente aos menores custos de implantação, melhor amortização do material de cultura que não precisa ser especializado (tractor vinhateiro, etc.); marcada diminuição da mão-de-obra.

O preço do custo do litro é reduzido e a regularização das colheitas parece ser obtida em larga escala, com todas as suas marcadas vantagens.

Apontam-se ainda como vantagens paralelas: a maior longevidade das vinhas sujei-

tas a uma poda mais longa; melhor vitalidade das cepas e, portanto, melhor resistência às criptogâmicas; defesa do solo e aumento de fertilidade pela facilidade de cultura de plantas para sideração.

Enquanto em França as condições económicas são incentivo para a procura de novas formas e estruturação culturais, em Itália, onde os sistemas tradicionais estão menos em causa, pois a oferta de mão-de-obra é ainda grande, pensa-se deliberadamente no futuro e na procura das soluções mais convenientes. Pensa-se e passa-se à acção experimental, não deixando que a evolução da conjuntura económico-agrária venha provocar surpresas ou levar à adopção de soluções de valor não verificado.

Enquanto as soluções francesas podem interessar mais as nossas zonas de vinha continua, as italianas merecem ser ponderadas pela viticultura do noroeste e especialmente pela da Região dos Vinhos Verdes, onde as condições agro-climá-

(1) *Gazeta das Aldeias*, n.º 2404 — Aspectos técnicos relacionados com a plantação e enxertia de porta-enxertos — eng. agr. Alfredo Baptista.

ticas impõem como fatalidade a adopção de formas culturais de grande expansão vegetativa.

Uma dessas formas, cuja designação poderemos traduzir por «ramada romana» tem algo de muitas das nossas ramadas minhotas aliadas ao «arejão», ou talvez melhor, possa encarar-se como forma semelhante aos «festões», que estão a ter certo sucesso na zona central do Minho.

A gravura junta dá uma ideia dessa armação — ramada em V muito aberto, sustentada por postes de cimento armado que passam além do plano da ramada, formando como que um arejão superior.

Esta forma de armação, que não aceitamos sem crítica, é recomendada pelas facilidades de trabalho mecânico que permite, pois o tractor pode passar perto dos esteios não havendo espias ou arriostas que dificultem a sua marcha e evoluções.

A proximidade das fileiras é condenada, recomendando-se que elas distem 30 a 40 metros (na orientação seguida em Itália de se procurarem executar culturas intercalares), a não ser em casos muito particulares, quer de consociação, quer de acidentado do terreno. O compasso entre as videiras é de 1,5 metros, a largura dos braços das ramadas de 3 metros e os esteios de cimento pre-esforçado de 3,6 metros.

Pondere-se o caso do noroeste à luz desta orientação geral.

A localização tradicional da vinha no Minho — nas extremas dos campos — é, sem sombra de dúvida, a resultante das condições ambientes, interpretadas por uma estrutura agrária assentando na superabundância de mão-de-obra.

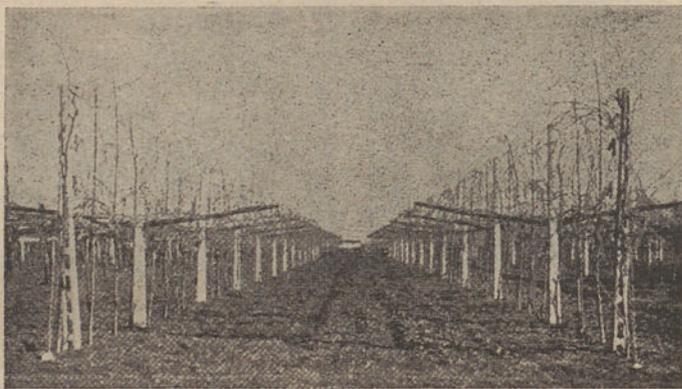
Que essa estrutura começa a não satisfazer será desnecessário demonstrá-lo. A incapacidade de nela se conseguirem altos rendimentos do trabalho-homem, coloca-a em sérias dificuldades de concorrência económica.

Mas é caso de perguntar. Como modificá-la? Que formas adoptar, mantendo o carácter fundamental e a qualidade dos vinhos regionais?

A pergunta poderá ser mesmo mais candente e mais profunda — que terras vai ocupar a videira na agricultura de amanhã em terras do noroeste?

Não será bom entrar no campo das profecias. Nem o assunto se presta, nem a seriedade dos problemas agrícolas se compadece com divagações.

Entretanto, se as soluções que o futuro sancionará nos escapam, o que conhecemos já, são pelo menos algumas das condicionais que as farão aparecer e, dentre elas, bastará lembrar a necessidade fundamental de obter um alto rendimento do trabalho que levará, sem qualquer dúvida, ao abandono da cultura de



Ramada romana. Caso de consociação com ramadas próximas, mas possibilitando o emprego da máquina.

terras sem a fertilidade capaz de retribuir salários altos, à modificação de formas culturais absorvendo grandes volumes de mão-de-obra, à sistematização das explorações agrícolas e seu ordenamento, permitindo o mais intenso emprego da máquina.

Ora tais condicionais evidenciam o errado caminho que se está a trilhar de se arrotearem terras pobres de pinhal para se construírem pequenas folhas de cultura, sucessão de socalcos intencionalmente estreitos para justificarem outras tantas ramadas ou de se dividirem campos com a mesma finalidade e ainda de se adoptarem armações que não dêem toda a facilidade para o trabalho mecânico do solo, absorvam grande quantidade de mão-de-obra para a poda, os tratamentos anticriptogâmicos, a colheita;

Casse castanha ou oxidásica

Pelo engenheiro agrônomo PEDRO NÚNCIO BRAVO

Avaliar pelo grande número de vinhos atingidos pela casse oxidásica, que temos tido ocasião de observar, no corrente ano, pode-se certamente afirmar que é muito elevada a percentagem de vinhos novos, com este acidente. Não é de estranhar que assim suceda, pois, na maior parte das regiões, os cachos vindimados em 1959 encontravam-se, em grande percentagem, mais ou menos doentes e apodrecidos.

Cachos naquelas condições só podem dar origem a vinhos estabilizados, se forem vinificados segundo uma técnica especial.

A forma como decorreu o ano — a humidade e as chuvas principalmente — foi a responsável pelo mau estado dos cachos, no momento da vindima, o que provocou este aparecimento da casse oxidásica, tanto nos vinhos tintos como nos brancos.

Bem andaram os vinicultores que, ao verificarem o mau estado dos cachos, reforçaram a dose habitual do sulfuroso

e não assegurem a maior longevidade possível à videira.

É mais que tempo de volver os olhos para o futuro, deixando só de olhar e querer ver os interesses imediatos e de reconhecer que muitos dos males da agricultura são inevitáveis num período de transformações como aquele em que vivemos, se não se quiser ou puder reorganizar as explorações e as culturas dentro de novos moldes que satisfaçam às condições impostas pela evolução dos factores humanos.

(ou de metabissulfito de potássio), aplicado aos mostos.

Nos anos normais basta, no geral, a adição de 10 a 14 gramas de metabissulfito, por cada 100 litros de mosto. Nos anos como o último, é prudente a adição de 15 a 18, ou até 20 gr. de metabissulfito, por hectolitro de mosto. Passadas 24 a 48 horas, deve-se proceder a uma trasfega, com bastante arejamento, como tratamento preventivo da casse e para que a fermentação alcoólica desperte. Os vinhos resultantes dos mostos tratados, como se disse, devem, nesta altura, apresentar-se sem defeito.

Pelo que foi dito, justifica-se plenamente que se dediquem algumas linhas a este importante assunto.

Os vinhos ricos em «oenoxidase», isto é, com casse oxidásica em potência, podem-se manter sem alteração de cor, nem de transparência, bastando, para isso, que se encontrem ao abrigo do ar.

A oenoxidase actua como catalizador, provocando a oxidação da matéria corante, e dos tanoides, à custa do oxigénio do ar. Aqueles compostos dão, por oxidação, outros, de cor acastanhada e insolúveis, causadores da alteração da cor que os vinhos sofrem, bem como da turvação que apresentam.

É devido à insolubilidade dos compostos formados que se nota a formação dum depósito mais ou menos abundante, no fundo dos recipientes que encerram esses vinhos, depois de arejados, e imobilizados durante alguns dias, para que assim haja a deposição daqueles compostos.

Muitos vinicultores há que não distinguem os sintomas da casse oxidásica,

e os que apresentam os vinhos com a doença da «volta», com a casse fêrrica e, até, simples «refermentação». Para evitar possíveis funestas consequências resultantes dum diagnóstico errado, vamos dar um conselho de grande importância:

«Em caso de dúvida, devem os vicultores recorrer aos técnicos da especialidade, para que estes os elucidem e aconselhem». Não esqueçam que as consultas devem ser sempre acompanhadas duma amostra do vinho doente, ou suspeito.

— *Sintomas da casse oxidásica*: — Os vinhos atacados pela casse oxidásica, ou casse castanha, apresentam os seguintes sintomas que, em resumo, passamos a descrever:

— Os vinhos não arejados, quando conservados ao abrigo do oxigénio, ou do ar, podem-se apresentar lípidos, transparentes, e sem alteração de cor.

— Exposto o vinho ao ar, por exemplo num copo, verifica-se passado algum tempo — que pode ir até 24 ou 48 horas — o aparecimento duma turvação, de cima para baixo, acompanhada de alteração de cor bastante característica. Os vinhos brancos, por exposição ao ar, tomam uma cor acastanhada, enquanto os vinhos tintos tomam uma cor de chocolate, de tijolo, ou mais ou menos acastanhada.

— Por exposição ao ar, os vinhos ficam mais ou menos turvos.

— A turvação, bem como a mudança de cor, começa pelas camadas mais superficiais, isto é, mais em contacto com o ar.

— Ao fim de algumas horas, ou dias, nota-se à superfície do vinho uma ténue camada irisada.

— Com o tempo forma-se no fundo do copo — ou outro recipiente que contenha o vinho — um precipitado de cor acastanhada, resultante da precipitação da matéria corante, e taninos, insolubilizados.

— Os vinhos com esta casse, tomam um paladar «chato», ou a «madeira».

— Tanto os vinhos brancos, como os rosados e os tintos, estão sujeitos a contrair a casse castanha.

Pretendemos, neste momento, chamar a atenção dos adegueiros para o risco que correriam se, sem qualquer observação, fizessem um arejamento ou trasfega, dos vinhos que tenham casse em potência.

Em qualquer ano, mas muito em especial no corrente, não se deve proceder à chamada «prova do ar».

A prova do ar consiste em tirar uma amostra do vinho para um copo — da capacidade de um ou mais decilitros — de vidro incolor, fino e sem defeito. Tapa-se o copo com um pequeno pedaço de cartão, cartolina, ou papel grosso.

Deixa-se seguidamente o vinho exposto ao ar e à luz, e observa-se de tempos a tempos.

Se o vinho, passadas 48 horas, permanecer sem alteração de cor, e sem que apareça qualquer turvação, é sinal de que se não encontra com casse.

Se o vinho, passado aquele tempo — ou antes — apresentar alteração de cor e limpidez, não deverá ser trasfegado, nem arejado, sem ser previamente tratado.

É agora altura dos vinhos com casse oxidásica, em potência, serem convenientemente tratados, para que em seguida possam ser consumidos, ou lançados no mercado.

A casse oxidásica é correntemente de cura fácil, desde que se proceda de acordo com as instruções de qualquer técnico da especialidade.

Os tratamentos curativos, correntemente aconselhados, são económicos e de fácil execução.

A casse castanha desvaloriza — se não for convenientemente tratada — grandemente os vinhos, em especial por lhes alterar muito, e desagradavelmente, o aspecto e o paladar.

Há doenças graves que de princípio não são tão alarmantes, pelos sintomas manifestados, relativamente aos apresentados pela casse castanha.

É possível que num futuro próximo se volte a este assunto, para se dizer alguma coisa sobre os tratamentos preventivos, e curativos, desta casse.

O PADRÃO OFICIAL DA RAÇA BOVINA HOLANDESA

POR JOSÉ CARRILHO CHAVES

A Portaria n.º 17.175, de 19 de Maio p. p., ao abrigo do Art. 51.º do Regulamento dos Serviços de Reprodução Animal e Registos Genealógicos e Contrastes, aprovado que foi pelo Decreto 41.109 de 14 de Maio de 1957, confirma o «Regulamento do Livro Genealógico Português da Raça Bovina Holandesa», cuja sede será instalada na Direcção Geral dos Serviços Pecuários, podendo criar-se delegações do referido «Livro Genealógico», que também poderá ser designado por «HERD-BOOK» português da raça holandesa, onde os efectivos o justifiquem.

O que levou à criação deste Livro, foi assegurar a pureza rácica dos bovinos de raça holandesa, existentes no nosso País, assim como favorecer o seu aperfeiçoamento e difusão de bons reprodutores.

O Herd-Book português da raça em epigrafe, consta essencialmente de secções, constituídas pelos seguintes Livros: — De Nascimento; de Adultos; e de Mérito.

* * *

A raça bovina holandesa, que se saiba, começou a ser importada pelo nosso País, por meados do século XVIII, concentrando-se o primitivo núcleo em Salvaterra de Magos, e a seguir nos arredores de Lisboa.

Esta raça, estranhando o habitat, a alimentação, a falta de cuidados higiénicos, e tantos outros factores, principiou a degenerar, a ananizar-se, e a diminuir a produção leiteira, para o que também muito contribuiu a falta de touros da

mesma raça, produzindo a raça nacionalizada «Turina».

Primeiramente a vaca turina, tourinha ou torina, limitava-se à capital e seus arredores.

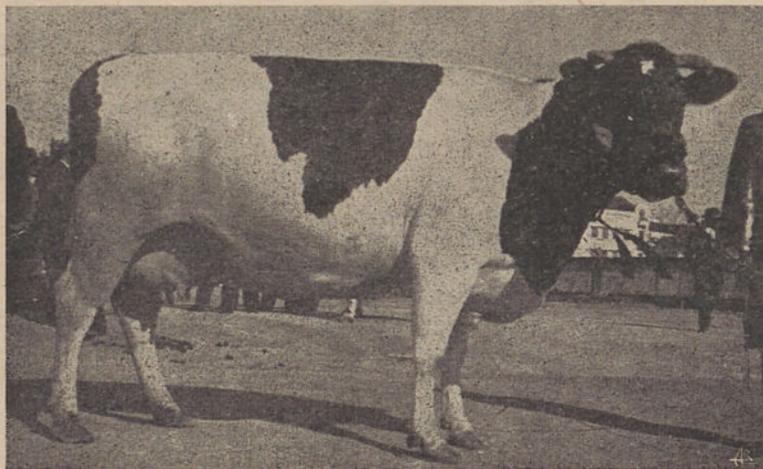
Acerca da nomenclatura diz-nos Mestre Miranda do Vale: «Distingue-se bem dos bovinos nacionais a vaquinha dos Países Baixos e, talvez por ser assim distinta, lhe chamassem, no século XVIII, turina, nome por que também se apelidavam as senhoritas janotas».

Vamos transcrever das «Maravilhas da Creação e História e Descrição Illustrada dos Animais», edição de 1879, o que nos diz sobre a vaca turina, trabalho extraído do Recenseamento Geral dos Gados de 1870, assunto tratado com a proficiência peculiar do Professor Doutor Silvestre Bernardo Lima, que foi um distintíssimo zootecnista no seu tempo. Mestre ilustre que fez escola, salvo erro, dos primeiros médicos-veterinários portugueses, pois foi tirar o curso a França, por não haver ainda nesse tempo escola veterinária em Portugal. Mais tarde foi professor de Zootecnia do então «Instituto Geral de Agricultura», que mais tarde se desdobrou na Escola Superior de Medicina Veterinária e no Instituto Superior de Agronomia, integrados em 1929, salvo erro, na Universidade Técnica de Lisboa, quando da sua criação.

... «Esta raça deriva da raça bovina holandesa, e a criação limita-se a Lisboa e seus subúrbios, *apparecendo* alguma vacca por acaso noutros pontos do país. Como raça leiteira é a melhor que temos, e como tal é aproveitada quase exclusivamente, não sendo costume *empregala*

no trabalho, e para o talho indo geralmente só as crias.».....

Os tempos mudaram completamente, e hoje pode dizer-se em contra-partida, que só por acaso não se encontra uma vaca turina em qualquer ponto do País, sendo explorada ainda na sua função motora, acabando os seus dias inglória-



Vaca holandesa (importada)

mente nos matadouros, depois de ter sido desfrutada ao máximo.

A exploração de bovinos na sua função ou vocação feminina — a produção leiteira — tem aumentado no nosso país, nestes últimos trinta anos, não só no que diz respeito ao seu efectivo que é muito importante, como também, e sobretudo, ao aumento da produção leiteira por unidade. Este factos são devidos ao aumento do consumo do leite, que, contudo, é ainda muito baixo (a nossa capitação melhorou um pouco, mas é ainda bastante precária, por falta de consumo de leite, em detrimento de outras bebidas, como o excesso de consumo de vinho nalguns lados), e também à dispersão de bons reprodutores.

A vaca turina, em determinadas zonas do país tem evoluído a ponto de se aproximar muito do nível zootécnico do seu tronco ancestral — a vaca dos Países Baixos.

Esta recuperação, digamos assim, tem sido conseguida e obtida através duma persistente e bem conduzida selecção

dos efectivos, acompanhada da aplicação duma gama de preceitos higitécnicos, ligados substancialmente à alimentação e instalações estabulares, tendo a inseminação artificial ocupado um lugar de relevo na parte respeitante à acção dos reprodutores selectos.

É claro que é absolutamente necessário e indispensável continuar com esta evolução, que só poderá persistir e ter acção perene e de futuro, se se tomarem determinadas providências, as mais importantes das quais são: «Os registos genealógicos dos animais de melhor nível zootécnico», cuja descendência possa assegurar a perpetuidade dos caracteres dos seus ancestrais, e «os contrastes de produção».

Para atingir este duplo desiderato — a Portaria 17.175, já citada, cria o Livro Genealógico, atrás referido.

O Art. 5.º do Regulamento do Livro Genealógico, diz que: «Os criadores ou proprietários de bovinos da raça holandesa que desejem registar os seus animais no Herd-Book português, devem solicitar a sua inscrição à direcção do mesmo.

§ 1.º Esta inscrição ficará dependente da aprovação da direcção do livro genealógico.

§ 2.º Aprovada a inscrição, deverá o criador ou proprietário solicitar o registo dos seus animais à Secretaria do Livro Genealógico, por intermédio das Delegações regionais, quando as houver.

Art. 6.º São condições básicas para o registo no Herd-Book português da raça bovina holandesa:

- a) Genealogia conhecida.
- b) Identidade com as características do padrão da raça.
- c) Boa conformação e desenvolvimento.
- d) Ausência de taras ou defeitos somáticos.

Os proprietários que tenham bovinos inscritos no Herd-Book, gozam de determinadas regalias, como a facilidade de comercialização e o seu justo valor; auferir prêmios, e a preferência dos reprodutores registados no Livro Genealógico, quando se destinem a postos de cobrição.

A raça bovina holandesa, descende do *Bos-taurus primigenius*, *Bojanus*. É uma raça sub-côncava, do chamado «Tronco Batávico», com as características da concavidade atenuadas. É o padrão da vaca leiteira. Divide-se em três sub-raças, a saber: sub-raça de Prisia, de peso compreendido entre os 400 e os 750 quilogramas vivos; 1m,35 é a média da altura das vacas, e 1m,42 a média da altura para os touros de 2 anos. O comprimento médio é de 1m,68. A pelagem é malhada de preto, o que quer dizer que é branca com malhas pretas, ou que há predominância da primeira cor sobre a segunda ou inversamente: preto malhado, quando existe preponderância da cor preta sobre a branca.

Na sub-raça de Groninga, o corpo é mais roliço e robusto. O tipo leiteiro é menos definido.

A pelagem da cabeça é bastante característica — branca, com círculos pretos circundando os olhos, tronco e regiões superiores dos membros de cor negra. O úbere, as regiões inferiores dos membros e do peito, são de cor branca. São um pouco mais baixas, menos compridas e pesam entre 600 a 650 quilogramas em vida.

A sub-raça «malhada de vermelho», apresenta uma conformação intermediária, o que lhe aumenta o rendimento de carnes diminuindo-lhe a produção lactígena.

* * *

Padrão da raça holandesa

CONJUNTO DE FORMAS: — animais de boa corpulência, compridos, de linha

superior horizontal, esqueleto apto para sustentar e conter um tórax amplo e um abdômen volumoso, no qual se implanta um vasto úbere, que revela boa vocação leiteira.

O conjunto é harmónico, dando uma impressão de robustez, sem excluir finura.

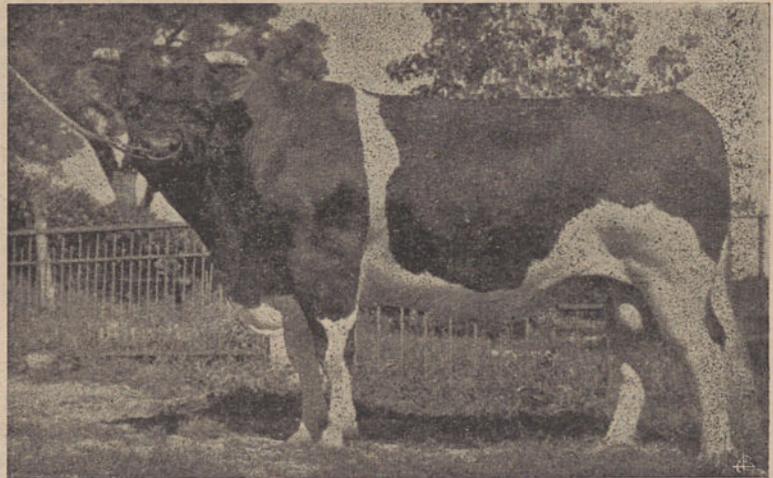
Os caracteres do sexo bem definidos.

PELAGEM: — preta malhada ou malhada de preto, sendo as malhas vastas e bem limitadas; os membros de joelhos e curvilhões abaixo, o úbere, o escroto e a borla da cauda serão de preferência brancos.

PELE: — fina, macia e solta.

TEMPERAMENTO: — calmo.

CABEÇA: — de mediano comprimento, perfil sub-côncavo; fronte larga; arcadas orbitárias salientes; olhos grandes; orelhas finas e horizontais; chanfro rectilíneo; focinho largo, boca grande, narinas



Touro holandês (nascido em Portugal)

Estação Zootécnica Nacional

bem abertas; cornos pequenos, finos, arqueados para a frente e para dentro.

TRONCO: — pescoço bem ligado, de barbela reduzida; cernelha de regular desenvolvimento, dorso comprido e rectilíneo; lombo largo e bem ligado; garupa comprida, larga em toda a sua extensão

(Conclui na pág. n.º 112)

A pesca do pilado para estrume na costa portuguesa^(*)

Por FERNANDO GALHANO

Tirado do mar como o sargaço, e servindo como este para adubo das terras, pesca-se de Espinho para o norte o caranguejo miúdo, conhecido por mexoalho ou pilado. Criado nos fundos de areia afastados algumas milhas da costa, a sua pesca era do mesmo modo, e em grande parte, faina do lavrador. Por isso, muitas das barracas de recolha dos instrumentos sargaceiros, abrigavam também barcos semelhantes aos poveiros, nos quais a pesca era praticada. Os barcos trabalhavam com redes de arrasto, em «companhas» de dois. A pesca a motor, varrendo sem descanso esses fundos arenosos, causou, porém, o desaparecimento do pilado, e a sua pesca quase cessou há cerca de dez anos.

A chegada e descarga dos barcos era, em certas praias, um dos espectáculos

sítio conveniente a ferramenta precisa, perto do local em que os barcos deviam vir varar. Depois sentavam-se conversando, até que se aproximassem as velas, inclinadas pela nortada branda.

Ao chegar a terra, libertos os barcos do mastro e da verga e de tudo que mais o incomodasse, começava a descarga. A massa vermelha do pilado, brilhante e viva, carregava o barco até meio. Os homens enchiam dela os cestos, que as mulheres levavam aos ombros, e despejavam no caniço do carro, que esperava ao lado, metido na água quase até ao eixo. Sobre a proa, virada ao mar, um moço de pé aguentava a embarcação, com um remo apoiado no fundo, impedindo-a de se virar de lado à vaga; e só quando, já mais leve, o podiam arrastar mais para cima, o barco se aquietava.



mais coloridos e pitorescos de toda a nossa costa. Lembro-me bem dele, numas férias passadas na Apúlia há perto de trinta anos. Deviam ser, então, uns trinta a quarenta barcos que, passada a noite no mar, regressavam todos à uma, ao princípio da tarde. Pouco antes dessa hora as mulheres vinham vindo, sem pressa, para a praia, com os carros de bois de caniços escuros, e dispunham em

Quase sempre com duas juntas de bois, o carro subia o areal. Era então a gritaria a animar o gado, as varas batendo as ancas gordas dos bois, as sogas esticadas, os músculos tensos dos homens que ajudavam o carro na subida.

Por uns centos de metros a praia era a repetição do mesmo espectáculo. Carros que subiam, carregados, outros que desciam, correndo. Ali era já o barco vazio, que, descarregado, era puxado para cima, pelos bois, no vozear usual, enquanto no outro barco da «companha» começava a faina da descarga. Por todo esse quadro agitado parecia não haver

(*) Apesar de ligeiramente modificado na sua epigrafe, este artigo constitui a continuação do publicado nos números 2409 e 2415, sob a epigrafe "A apanha das algas para estrume na costa portuguesa".

(Conclui na pág. 110)

O camarão de água doce

Por ALMEIDA COQUET

ALÉM dos moluscos de água doce, a que fizemos referência no nosso último artigo, é o camarão de água doce um valioso alimento para os salmónidos, em grande parte pela quantidade de cálcio que lhes pode fornecer e de que tanto necessitam.

Recorremos mais uma vez a trabalhos do notável biologista dr. T. T. Macan, onde encontramos curiosas indicações sobre as três espécies de camarão mais espalhadas pelas águas doces das Ilhas Britânicas, o *Gammarus pulex*, o *G. lacustris* e o *G. duebeni*.

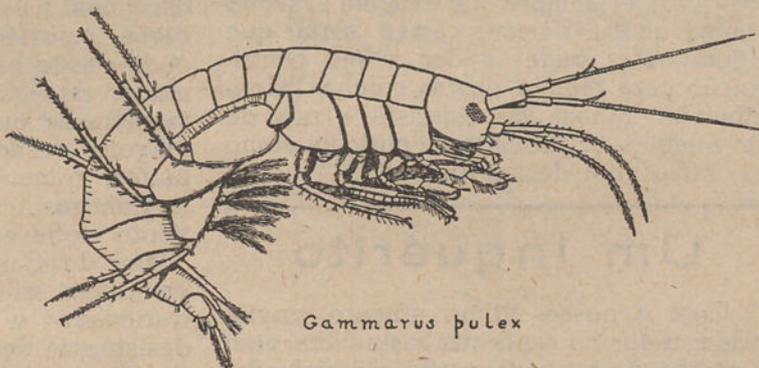
O primeiro, muito frequente na Inglaterra e Gales, o segundo nos lagos do Norte da Escócia e o terceiro nas águas interiores da Irlanda.

Biologistas de vários países têm realizado estudos quanto à existência e reprodução dos *Gammarus*, como Wundsch na Alemanha, Berg na Dinamarca, Haempel na Áustria e outros, tendo assim contribuído imenso para um mais completo conhecimento de animais que tanto nos interessam pelo valor alimentar que podem representar para as nossas lindas trutas.

Ocorre naturalmente perguntar: podem os *Gammarus* viver e desenvolver-se em qualquer água doce?

Dizem-nos os cientistas que não, e que as águas mais ácidas não permitem a existência do camarão de água doce. Assim, Wundsch, em vários rios da Alemanha que apresentavam condições biológicas e fisiográficas semelhantes, só

em alguns deles encontrou o *G. pulex*, tendo então verificado que nas correntes onde a percentagem de cálcio era bastante baixa não existia aquela espécie; Wundsch chegou à conclusão de que dez partes por milhão, em cálcio, era o limite mínimo para que o *G. pulex* pudesse subsistir. E Schumann, em experiências de laboratório, mostrou que quando o *Gammarus*, na época da muda, solta a carapaça para novo crescimento, perde quase todo o cálcio, necessitando que a água contenha pelo menos cinco



Gammarus pulex

partes por milhão, em cálcio, para que a nova pele se forme. Por sua vez o biologista Reid afirma que o *G. pulex* se encontra em águas cujo pH é de cerca de 6,0.

Enquanto isto se passa com esta espécie, já o *G. duebeni* subsiste em águas com um pH=4,8, subsistindo igualmente em águas alcalinas.

Conclusão quanto ao meio: não se deverá introduzir o *G. pulex* num rio, sem primeiramente verificar o pH respectivo.

Quanto à alimentação do camarão de água doce, tem-se verificado que é essen-

cialmente vegetal; algas, folhas de plantas subaquáticas e de vegetação das margens dos rios, por vezes folhas em decomposição, tudo isso é suficiente para que o camarão de água doce subsista e se desenvolva.

O crescimento do *Gammarus* faz-se por uma série de *mudas* — cerca de dez — e só então é que o macho fica adulto e pronto para a reprodução. Prende então uma fêmea durante cerca de oito dias; findo este prazo, ela solta a carapaça, sendo nesta ocasião que são fertilizados os ovos que ela conduz e conserva até à eclosão dos novos camarões, cerca de 16 dias durante o Verão e quase sete semanas no Inverno. No entanto, tem-se verificado prazos bastante diferentes noutros locais.

É natural que o leitor interessado neste assunto ponha uma questão: e no nosso País? Temos camarões de água doce?

Sem dúvida que temos. Mas, pela nossa parte, desconhecemos trabalhos de biólogos sobre os *Gammarus* dos nossos rios. Certamente que existem e, sendo assim, quão interessante seria que algum deles pudesse dar a sua contribuição para registo nestas colunas! Contribuição valiosa de cientista e não de um simples... pescador e curioso, como é o rabiscador destas linhas.

Um inquérito

Com o nosso último número, enviamos a todos os senhores assinantes, com o pedido de preenchimento e devolução, um questionário que tem por fim, através das suas opiniões e sugestões, podermos dar à nossa revista o maior interesse possível, quer quanto ao seu contexto, quer quanto ao seu aspecto gráfico.

Muitas foram já as respostas recebidas, mas bastantes faltam ainda. Por tal motivo, e porque temos o maior empenho em as coligir na totalidade, solicitamos e desde já agradecemos a todos os demais assinantes que não deixem de no-las enviar.

Aos signatários das respostas recebidas, mais uma vez nos confessamos gratos.

A pesca do pilado para estrume na costa portuguesa

(Conclusão da pág. 108)

uma única coisa parada. E a cor era um deslumbramento. Contra o azul do céu e do mar era o branco dos barcos e das branquetas dos homens, o vermelho dos bois, o rubro agitado dos saíotes das moças, as pequenas manchas policromas das faixas e dos lenços, e o ponteadado do caranguejo caído e esmagado no rosa dourado da areia remexida.

Duas horas depois tudo acabara. Os barcos estavam quietos, em linha, no alto, as proas olhando o mar, à espera da próxima saída. No cimo do areal, os montes de caranguejo aguardavam o destino. E a maré, ao subir, limpava e alisava o chão revolvido e magoado.

* * *

A pesca do pilado quase cessou, como dissemos, há cerca de 10 anos. Ela tem certa importância no «limpo» de Afife, onde desde há muito se reuniam barcos não só de Âncora e portos vizinhos, mas também de outros mais afastados. Essas viagens desde grupos de barracos distantes, como o de Fão, eram por vezes trabalhosas, e até perigosas. Acontecia o vento refrescar, e terem de arribar a Viana do Castelo, sem no dia seguinte chegarem ao local da pesca. Estas contrariedades e perigos levaram mesmo à desistência de alguns, logo que a vulgarização dos adubos químicos lhes ofereceu um substituto cómodo. Mas a pesca em bancos próximos era sempre aproveitada.

* * *

O pilado era geralmente espalhado fresco sobre as terras de horta; mas muito secava-se na praia, onde era preciso um guarda permanente para afugentar os bandos de gaivotas, que sobre ele baixavam para o devorar. Esse pilado seco empregava-se na cultura da cebola, usado de modo idêntico ao adubo químico, depois de batido e pulverizado na eira, a mangual.

SECÇÃO FEMININA

Dois modelos de batas para os nossos filhos

Mesmo que os nossos filhos ainda não frequentem o colégio, é da maior conveniência adoptar o uso de batas que



preservam as roupas mais grossas e de lavagem mais difícil, em virtude de, especialmente no Inverno, se tornar muito demorada a sua secagem. Convém portanto protegê-las com uma peça mais fina, que se lave com mais facilidade. Modernamente, porém, vai desaparecendo a

pouco e pouco o uso do bibe, e surge, mesmo para dentro de casa, a bata, menos efeminada para os rapazes e mais prática e gentil para as raparigas.

Apresentamos aqui dois modelos bastante fechados e que tanto podem ser usados para rapaz como para rapariga. O primeiro é muito próprio para menina até aos dez anos ou para rapaziño até aos 5 anos. O segundo, adaptável a ambos os sexos, depois dos 6 anos, bastando alterar a direcção dos botões—os rapazes apertando à esquerda. Pode também meter-se-lhe uns bolsos, que são sempre práticos para uso do lenço. Todavia, as crianças pequenas têm bastante tendência para enfiar tudo que encontram

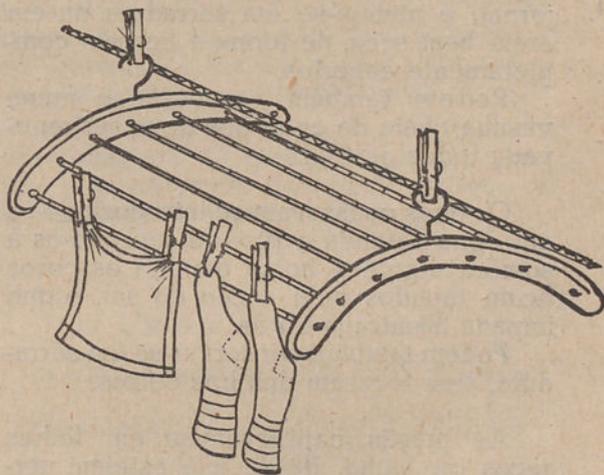


para dentro do bolso e, por esse motivo há mães que preferem excluí-los, guardando-lhes o lenço na manga.

Pode adoptar o critério que melhor entender.

Uma ideia original

Todas as donas de casa gostam de lavar, elas próprias, certas peças de vestuário, que exigem cuidados mais delicados como os lencinhos, peitilhos, peças de nylon, adornos de lã, etc. E sucede também não poucas vezes, haver bastante dificuldade em arranjar onde estender essa roupa, quer porque as cordas se encontrem cheias, quer porque não lhes



bate o sol ou vice-versa. Há, no entanto, uma forma prática e eficiente de resolver este pormenor.

Tão prática e eficiente que poucas pessoas talvez, ou até nenhuma, tenham até agora pensado em tal, devido à sua extrema simplicidade.

Arranjam-se duas cruzetas baratas, mas resistentes, onde se fazem pequenos orifícios com uma verruma e por onde se passa uma corda bastante comprida, como mostra a gravura. Pendura-se onde se desejar com duas molas, ocupa pouco espaço e leva muitas peças.

Parece-me uma ideia óptima para as nossas leitoras e que pode adoptar-se quando se parte para férias, pois se trans-

porta facilmente em qualquer maleta de viagem.

Esperemos que lhe seja de utilidade.

Conselhos preciosos para a dispenseira

Se precisa conservar gelo e não tem frigorífico faça um saco de flanela branca, em forma de funil e adaptado à boca de uma vasilha, não vidrada, de modo a que o saco não toque no fundo da vasilha. Ponha os bocados de gelo nesse saco, tape a vasilha e o gelo conservar-se-á.

Para conservar os limões envolvem-se separadamente em papel, de preferência jornal, e metem-se em serradura ou em areia bem seca, de forma a ficarem completamente cobertos.

Podem também conservar-se numa vasilha cheia de água que deve ser renovada todos os dias.

Os ovos conservam-se introduzindo-os em água salgada a 10% e secando-os à sombra algumas horas depois; os poros ficam tapados pela acção do sal, o que impede a entrada do ar.

Podem também conservar-se em serradura, sem tocarem uns nos outros.

As maçãs conservam-se em folhas secas ou palha, desde que estejam perfeitamente sãs e se embrulhem em papel de seda.

O cantinho da cozinha

Lagosta Thermidor

Parte-se uma lagosta ao meio, no sentido do comprimento, conservando a casca dura inteira, tiram-se as carnes todas cortando-as em pedaços com uma faca, temperam-se com sal fino e pimenta e põem-se numa frigideira com 100 gr de manteiga fresca, mexendo sempre até estarem bem fritas. Juntam-se a seguir na frigideira dois decilitros e meio de nata fresca não batida, que se reduz a metade em lume brando sem ferver.

Faz-se à parte meio litro de caldo de

peixe que se deixa ferver até reduzir a um decilitro, junta-se-lhe mais um decilitro de nata em que se desfizeram 3 gemas de ovos cruas, junta-se à carne de lagosta e volta a temperar-se um pouco. Com este picado recheia-se a casca e cobre-se com 5 a 6 colheres de molho branco, polvilhando tudo com pão ralado e leva-se ao forno quente a corar a superfície e serve-se.

O padrão oficial da raça bovina holandesa

(Conclusão da pág. n.º 107)

e horizontal; cauda de média inserção, fina e comprida; tórax profundo, alto e largo; costelas compridas, bem separadas e arqueadas; ventre volumoso e flanco bem descido. Úbere grande, bem inserido, estendido para a frente e bem elevado atrás, quartos cheios e simétricos, abundante irrigação aparente, pele fina, elástica e coberta de pêlos sedosos; tetos de tamanho conveniente, uniformes e bem implantados; veias mamárias sinuosas e bem desenvolvidas.

MEMBROS: — bem apumados, sendo os posteriores suficientemente afastados; espádua pouco destacada; coxas e nádegas compridas; unhas correctas e duras.

Defeitos principais que motivam desclassificação

- 1) Má conformação geral ou parcial;
- 2) Malhas isoladas abaixo do Joelho ou curvilhão;
- 3) Presença de pêlos de cor diferente do branco ou preto.

A leitura deste trabalho vai elucidar os criadores de gado leiteiro, ao mesmo tempo que lhes faculta a leitura, na integra, do Estalão oficial, que foi extraído do Regulamento do Livro Genealógico Português da Raça Bovina Holandesa.

Serviço de CONSULTAS

REDACTORES—CONSULTORES

Prof. António Manuel de Azevedo Gomes—do *Instituto Superior de Agronomia*; Dr. António Sérgio Pessoa, Médico Veterinário—*Director da Estação de Avicultura Nacional*; Artur Benevides de Melo, Eng. Agrónomo—*Chefe dos Serviços Fitopatológicos da Estação Agrária do Porto*; Prof. Carlos Manuel Baeta Neves—do *Instituto Superior de Agronomia*; Eduardo Alberto de Almeida Coquet, Publicista; Dr. José Carrilho Chaves, Médico Veterinário; José Madeira Pinto Lobo, Eng. Agrónomo—da *Estação Agrária de Viseu*; Mário da Cunha Ramos, Eng. Agrónomo—*Chefe do Laboratório da Estação Agrária do Porto*; Pedro Nuncio Bravo, Eng. Agrónomo—*Professor da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra*; Dr. Sérgio de Pinho, Advogado; Valdemar Cordeiro, Eng. Agrónomo—da *Estação Agrária do Porto*; Vasco Correia Paixão, Eng. Agrónomo—*Director do Posto C. de Fomento Apícola*.

I

AGRICULTURA

N.º 25 — Assinante n.º 37:499 — Aveiro.

ADUBAÇÃO PARA VINHA

PERGUNTA — Em Outubro semeei tremoços numa vinha. Pretendia tê-la adubado previamente pelo processo Solari—gesso agrícola, superfosfato e cloreto de potássio, mas o comerciante não conseguiu arranjar o primeiro destes elementos, pelo que não fiz a adubação.

Que adubação devo fazer em cobertura com probabilidades de êxito? E onde encomendar o gesso agrícola, quando pretender fazer futuras adubações?

RESPOSTA — Num anuário, encontra direcções de fabricantes de gesso. Não me parece que a dificuldade em obter gesso justificasse o não ter semeado tremoço. Além duma possível correcção física da terra, o gesso poderia elevar o teor da potassa assimilável. A encorporação de cloreto de potássio, nessa altura, para aproveitamento do tremoço, não a julgo fundamentada.

Bastaria, na sementeira do tremoço, empregar 300/500 kg por ha de superfosfato de 18% (que também tem sulfato de cálcio); e uns 50 kg de nitrato de sódio

em cobertura. O cloreto de potássio, no ano seguinte, com sulfato de amónio ou nitramoncal, e super. — M. Ramos.

II

FRUTICULTURA

N.º 26 — Assinante n.º 35:292 — Manteigas.

PLANTAÇÃO DE MACIEIRAS E ESCOLHA DE VARIEDADES

PERGUNTA — 1.º Tenciono plantar algumas dezenas de macieiras, em terreno arenoso e de encosta, embora com boa disposição.

Pedia a fineza de me informar quais as qualidades mais resistentes para esta região fria e de geadas, e bem assim os cuidados que às mesmas devem ser dispensados.

Qual a opinião da *Gazeta* sobre as macieiras enxertadas em cavalo *Parady* ou *Mets*? Que sejam as mais resistentes e de frutificação mais precoce, embora as macieiras fiquem de pequeno porte?

2.º Tenho três macieiras *Bravo de Esmolfe*, com cerca de 10 anos, plantadas em terrenos de xisto, barro e cascalho, bastante húmido. Estão bem desenvolvidas, mas raramente frutificam e quando tal sucede dão, cada uma, uma dezena de maçãs. Não é por falta de floração. Será de o terreno ser húmido? Como devo proceder para as fazer frutificar?

RESPOSTA — 1.º A macieira é das espécies frutícolas que se adapta melhor aos climas frios e às altitudes, no entanto,

devemos ter um certo cuidado com a escolha das variedades, pois um nevão tardio pode comprometer a frutificação das que florescem cedo.

Interessa fundamentalmente escolher variedades de floração tardia.

Dentre estas indicamos a *Ceboleira*, muito resistente, e ainda: *Bravo de Esmolfe*, *Sousa*, *Malápio* e *Malápio Grande de Gouveia*, podendo ainda experimentar as americanas *Starking* e *Delicious*.

Há aí uma zona de granito de grão grande, denominado *Dente de Cavallo* que origina solos pobres. Se a plantação se fizer em terrenos dessa origem, deverá dar-se uma estrumação abundante, cesto e meio de estrume, e uma adubação na Primavera com 100 gramas de nitrato de sódio por árvore.

2.º A macieira *Bravo de Esmolfe* é tida como sui-compatível, isto é, o seu pólen pode fecundá-la. Beneficia porém sempre com a fecundação cruzada.

Interessava portanto plantar perto destas ou reenxertar alguma das que possui com qualquer das variedades *Sousa*, *Malápio* ou *Rome Beauty*.

Convinha fazer ainda uma adubação fosfatada convindo deitar no fim do Inverno em cada árvore 3 a 5 quilos de fosfato Tomás. — *Madeira Lobo*.

VII

PATOLOGIA VEGETAL

N.º 27 — Assinante n.º 14:637 — *Portalegre*.

TRATAMENTO DE TANGERINEIRAS

PERGUNTA — Venho pedir o favor de me dizer qual a doença e tratamento que devo fazer a umas tangerineiras «Carvalho», das quais envio um ramo para ser observado.

Há três anos que esta doença apareceu no laranja; notei que se têm perdido as desta variedade. Depois do fruto criado, em principio do Outono, começam a sentir-se com a folha torcida como se estivesse queimada. Com receio de que a doença se propagasse às outras, mandei arrancar a primeira, fazer lume na cova e regá-la em seguida com sulfato de cobre, pondo depois outra árvore da mesma espécie.

O ano passado voltou a repetir-se o mesmo caso e a tomar as mesmas medidas e este ano apareceu outra árvore já grandinha (visto que o pomar é novo, tem uns 12 anos) nas mesmas condições.

Desta vez resolvi consultar a «Gazeta» e ver se me podem elucidar do que melhor há a fazer.

Há três anos que tenho por hábito sulfatá-las com calda bordalesa, por três vezes, começando depois do dia 8 de Dezembro e repetindo a mesma calda bordalesa e aplicando de 15 em 15 dias.

A terra costuma ser cultivada de produtos agrícolas.

RESPOSTA — Salvo um pequeno manchamento foliar devido à acção do mildio dos citrinos nenhuma outra doença ou praga, foi verificada na amostra enviada.

A aplicação que vem fazendo de calda bordalesa como fungicida preventivo contra o mildio deve ser seguida mais repetidamente e iniciada sempre mais cedo, porquanto é corrente verificarem-se períodos já bastante frios nos começos de Dezembro, frios estes altamente propiciantes nos invernos húmidos ao desenvolvimento da doença referida.

— Recomendamos-lhe afastar os produtos hortícolas que cultiva da vizinhança do colo dos citrinos, estrumar com critério e adubar, especialmente em azote, com cuidado.

Uma adubação excessiva neste elemento, a par de estrumações desmedidas por vezes correntes em fertilizações feitas a terrenos com horta, além de desvalorizarem a qualidade da fruta que a citrina possa produzir predispõe-na pelo viço resultante, à receptividade de muitas doenças.

Não se esqueça o senhor consulente que à sua disposição tem gratuitamente para o esclarecer o engenheiro agrónomo ou regente agrícola do núcleo regional da área a que pertence a sua propriedade, técnico este que mais de perto e na posse dos elementos colhidos no local o poderá elucidar mais convenientemente. — *Benevides de Melo*.

N.º 28 — Assinante n.º 43:889 — *Odemira*.

TUBERCULOSE DA OLIVEIRA

PERGUNTA — Envio uns ramos de oliveira para fazer o favor de tomar as providências necessárias no sentido de eu ser informado de que doença se trata e qual o tratamento a fazer para a debelar.

RESPOSTA — Os tumores verificados na amostra enviada são devidos à doença de difícil tratamento conhecida pelo nome

de tuberculose da oliveira. É uma doença que penetra na planta por todos os ferimentos provocados pelo granizo, picadas de insectos, ou mesmo pelos golpes feitos quando da poda.

De efeito seguro nada existe para o seu combate, isto especialmente quando a árvore é já grande e está fortemente parasitada.

Evite o varejamento na colheita da azeitona, adubações azotadas excessivas, e quando da reprodução não se sirva de lenhas iscadas pela doença. — *Benevides de Melo*.

N.º 29 — Assinante n.º 12.445 — *Gavião (Alto Alentejo)*.

AGUADO OU MÍLDIO DOS CITRINOS

PERGUNTA — Remeto duas laranjas e dois limões a fim de examinar estes frutos e indicar o tratamento a fazer às respectivas árvores.

Nos anos anteriores, o fruto conservava-se bem, mas este ano apodrece com facilidade.

RESPOSTA — Ambas as amostras enviadas revelaram os característicos sintomas do aguado ou mildio dos citrinos.

Para o seu combate actue preventivamente applicando às citrinas calda bordalesa a 2º o em pulverização quinzenal. A adição a esta calda dum molhante é vantajosa pelo facto de a tornar mais resistente à acção deslavante das chuvas.

Complementarmente, destrua, enterando profundamente, os frutos contaminados, quer caídos, quer ainda presos à fruteira.

No próximo periodo de poda destas espécies desadense as suas copas caso estejam fechadas em demasia. — *Benevides de Melo*.

N.º 30 — Assinante n.º 41:255 — *Parada do Bispo (Douro)*.

COCHONILHAS E FERRUGEM DA OLIVEIRA

PERGUNTA — Possuo várias oliveiras com «ferrugem», nas quais já lhe foi colhido o fruto.

Desejava fazer-lhe tratamento eficiente e, por isso, pedia o favor de me informarem sobre o seguinte:

1.º Qual a fórmula mais eficiente e económica que devo usar?

2.º Qual a melhor época ou épocas para realisar o tratamento?

3.º Qual a maneira mais aconselhável de o fazer?

RESPOSTA — Devo dizer-lhe que a «ferrugem» da oliveira encontra o melhor meio para o seu desenvolvimento sobre as meladas segregadas pelas cochonilhas. O caso tanto se verifica nos citrinos como nas oliveiras, plantas estas onde comumente aparece sobre a sua folhagem fazendo-lhe diminuir a sua acção assimiladora.

Combatendo a cochonilha, e, paralelamente pela poda, arejando mais o interior da copa destas fruteiras, pode fazer reduzir consideravelmente a incidência da praga.

Para o combate à cochonilha, logo que os frutos estejam todos vingados, aplique a toda a árvore em pulverização de jacto forte a seguinte calda:

Água	100 litros
Volk de verão ou Pomorol	2 litros
Malathane ou equivalente	1 decilitro

Esta calda terá pela película oleosa que forma sobre a folhagem uma acção asfixiante para a vida do fungo referido aniquilando-o e de certo modo fazendo-o desprender da superfície vegetal.

Caso verifique a existência de formiga junto à sapata das oliveiras, parasita quase sempre visto em árvores, revelando tal estado de parasitação, recomendamos-lhe aplicar trimestralmente em pulverização ou pincelagem, a um metro do tronco, a contar do solo, «Formiclor líquido», ou equivalente, diluído em água a 2º o.

Finalmente, devemos dizer-lhe que aquilo que lhe indicamos é eficiente mas estamos quase certos não ser na maioria dos casos dos olivais portugueses economicamente aconselhável. — *Benevides de Melo*.

N.º 31 — Assinante n.º 43:404 — *Porto*.

MACIEIRA ATACADA PELA ZEUZERA PYRINA, L.

PERGUNTA — Ao proceder à poda de uma macieira "Gigante do Douro", com cerca de 5 anos, encontrei uma perna com um orifício que me pareceu ser proveniente de qualquer insecto.

Procurando averiguar, constatei que no fundo deste, feito pelo coração da haste em direcção à

sua ponta, existia uma lagarta, que junto remeto com parte da vara atacada, para fazer o favor de verificar e ter a bondade de me informar o seguinte:

1.º De que espécie se trata?

2.º Como actuar em futuros casos, não só para as eliminar, mas também para as evitar, se possível?

RESPOSTA — O parasita enviado é a lagarta proveniente dum ovo posto pela borboleta conhecida pelo nome de *Zeuzera pyrina*, L. Esta praga, na fase larvar, pode também atacar a macieira, fazendo como na pereira extensas galerias ao longo do centro dos ramos novos em crescimento.

As posturas, que costumam ser abundantes, são feitas na Primavera, no entrecasco da planta ou nas mais profundas reentrâncias da casca. O estrago causado pelo parasita evidencia-se pela aglomeração de excrementos e serrim junto do orifício aberto pela lagarta e onde são frequentes escorrências originadas pelos tecidos centrais das varas corroidas internamente.

O seu combate pode ser feito extirpando a larva na galeria por meio dum arame fino, ao que se deve seguir uma limpeza feita por meio de instrumento cortante. As partes assim limpas, para mais fácil cicatrização, devem ser desinfectadas (calda bordalesa vulgar) e recobertas, depois de secas, com qualquer unguento de enxertia.

Note o sr. consulente que os tratamentos vulgares feitos com continuação e regularidade às pomóideas com vista ao pedrado e bichado parecem ser repulsivos para a vida deste parasita, que normalmente não aparece atacando os pomares assim cuidados. — *Benevides de Melo*.

N.º 32 — Assinante n.º 44:756 — Coimbra.

AINDA A «ZEUZERA PYRINA, L.»

PERGUNTA — Na qualidade de assinante da *Gazeta*, venho pedir o favor de se dignar identificar a doença causada pelo insecto que junto, indicando-me o respectivo tratamento.

Este insecto encontrei-o num ramo novo de macieira, que também envio, e os primeiros sintomas verifiquei-os o ano passado nesta mesma macieira e numa pereira próxima. As pernadas e o tronco da macieira apresentam grandes manchas

de casca seca, debaixo da qual se encontra a camada superficial do lenho deteriorado e reduzido a seradura; dessas manchas saem galerias que, quando abertas, deixam escorrer um liquido gelatinoso.

Nos ramos mais novos, o insecto abre as galerias no centro do lenho e de onde a onde existe uma abertura para o exterior, junto da qual se acumula uma massa amarelada.

RESPOSTA — A resposta dada ao consulente anterior deve ser tomada pelo sr. consulente, visto se tratar do mesmo parasita. — *Benevides de Melo*.

VIII

ENOLOGIA

N.º 33 — Assinante n.º 32:329 — Braga.

VINHO DE BAIXA GRADUAÇÃO, COM CASSE OXIDÁSICA

PERGUNTA — Como encomenda postal remeto hoje uma amostra de vinho branco de bica aberta da última colheita, a fim de fazer o favor de me indicar a correcção a fazer, visto devendo já estar limpido, ainda se encontra um pouco baço, prevendo portanto que se trate de casse oxidásica em vista do muito podre que atacou os cachos.

Há dois anos também, com os bolores sucedido o mesmo e depois da correcção feita, segundo o indicado pela «*Gazeta*», ficou perfeitamente limpido e bom.

Ora este ano, a dose de metabissulfito, para me prevenir contra o podre, levei-a de 12 gr por cada 100 litros de mosto, para 16 gr. O restante fiz como habitualmente.

No dia immediato, ou seja passadas 24 horas após o envasilhamento e adição do metabissulfito, fiz a trasfega com arejamento, juntando-lhe 16 gr de actanino por cada 100 litros.

Toda a parte metálica do esmagador, prensa, cântaros e funil, levou 2 demãos de goma laca.

Tenho o vinho em 4 meias pipas e está todo igual.

RESPOSTA — O vinho da amostra recebida acusa uma acidez volátil de 0,6 mas uma graduação muito baixa, igual a 8,1. Tem casse oxidásica e bastante ferro.

Faça o tratamento seguinte:
Por cada 100 litros aplique:

VINHOS — AZEITES — Secção técnica, sobreanálises de vinhos, vinagres, aguardentes e azeites, etc. Consultas técnicas e montagem de laboratórios. Licores para todas as análises, marca VINO-VITO. Aparelho para a investigação de óleos estranhos nos azeites. — Dirigir a VINO-VITO R. Cais de Santarém, 10 (ao Cais da Areia) — LISBOA — Telefone, 27x30

- 1.^o dia — 40 gr de ácido citrico;
 2.^o dia — 14 gr de metabissulfito de potássio;
 3.^o dia — Aplicar uma colagem com 250 gr de barro de Espanha.

Passados 8 a 10 dias trasfegar, com arejamento, para vasilha limpa, onde o vinho será bem atestado permanentemente.

Nota — Os produtos indicados aplicam-se depois de dissolvidos num pouco de vinho, contido em vasilha não metálica.

O barro aplica-se conforme se tem dito nestas páginas. — *Pedro Nuncio Bravo.*

XIV

ZOOTECNIA

N.^o 34 — Assinante n.^o 20.867 — Barcelos.

A INFLUÊNCIA DA ALIMENTAÇÃO NA CONSISTÊNCIA DO TOUCINHO E DA CARNE

PERGUNTA — 1.^o Os porcos de ceva alimentados com ração mista de: couves, grainha de uvas, farelo de trigo, milho em grão, batatas e landes, embora predominando a grainha de uvas, produzem toucinho mole e vidrado?

2.^o Os porcos com a mesma alimentação e bagaço de azeitona, com predominância deste, produzirão o tal toucinho mole e vidrado?

3.^o Poderá cientificamente estabelecer-se quais os alimentos que produzem tal efeito, se é que tal efeito se produz? Ou será pretexto para o negociante-comprador depreciar os animais?

RESPOSTA — Além da alimentação, há ainda outros factores a considerar:

Raça: As raças precoces são melhores produtoras de gordura que de carne.

Idade: Os animais excessivamente novos ou muito velhos produzem carne de inferior qualidade.

Estado sexual: O varrasco produz carne de inferior sabor (quando o cheiro sexual é muito acentuado, torna-se impróprio para consumo). O toucinho é encortiçado.

O toucinho de marrã é delgado e pouco consistente.

Repouso: É absolutamente necessário o repouso de 24 horas pelo menos,

quando os animais façam uma viagem ou deslocação antes da matança. Neste período de descanso não devem comer, tendo apenas água à discrição.

Alimentação: Propositadamente para lhe dar mais destaque, deixamos para último lugar este importante factor.

A engorda só de batatas torna a carne insípida e mole.

Os bagaços tornam a carne e o toucinho muito moles, por isso a sua administração deve ser suspensa, um mês antes da matança.

Ao porco de engorda deve reduzir-se a forragem verde, apenas ao estritamente indispensável ao bom funcionamento do tubo digestivo.

As couves são ricas em vitaminas A e C. O seu grau de digestibilidade é bastante grande.

Ao milho atribui-se o defeito, quando dado em exclusivo na ceva, de provocar insuficiente consistência no toucinho. Deve usar-se o amarelo, por ser mais rico em teor vitamínico.

A cevada melhora muito a carne do porco. Por isso, nalgumas regiões do País, a engorda iniciada com batatas cozidas é terminada com castanhas ou bolotas, ou com milho e cevada.

Tanto o milho como a cevada, deverão ser oferecidos farinados, por serem desta forma totalmente aproveitados. Os suínos têm no geral má dentição, são muito vorazes, mastigando mal, sendo vulgar notarem-se nas fezes bastantes fragmentos de milho, quando este alimento é dado inteiro.

O farelo é dos alimentos mais indicados para a nutrição dos suínos.

A bolota ou lande é excelente alimento, sendo exclusivo na engorda dos suínos alentejanos.

Diz-se que oferecida seca e descascada é mais digerível e nutritiva.

A grainha de uva farinada é também um bom alimento utilizado na engorda de suínos.

Em resumo: os alimentos que, administrados em exclusivo na época da ceva, produzem mau toucinho, são: batatas, milho, ou diversos bagaços.

Em contra-partida, como vimos, a cevada melhora muito a carne e também o toucinho.

É preciso estar-se sempre a coberto da especulação de certos compradores sem escrúpulos.

Nota. Quando os suínos são engordados em exclusivo com restos de cozinhas, nos quais predominem os desperdícios de pescado, ou quando aqueles são fornecidos um tanto alterados, tanto a carne como o toucinho se ressentem dessa prática. — *Carrilho Chaves.*

XV

APICULTURA

N.º 35 — Assinante n.º 44:222 — *Bragança.*

MUDANÇA DE CORTIÇOS E COLMEIAS PARA OUTRO LOCAL

PERGUNTA — Tenho em Ribeira de Pena 17 cortiços com abelhas e 2 colmeias móveis "Langstroth" com alça igual ao ninho, estas compradas em Coimbra por indicação do sr. eng. Vasco Correia Paixão.

Está tudo bem povoado, mas eu desejava transportá-las para esta região. Agradecia me informasse se nesta altura o posso fazer sem inconveniente e qual a maneira do seu transporte: em camioneta será menos prejudicial?

Agradecia me indicasse também algumas obras nacionais sobre apicultura e onde as adquirir.

Como tenho propriedades aqui na terra fria e, dentro do distrito, na terra quente, poderei fazer a transferência em qualquer altura, atendendo somente à época da floração local? O transporte das colmeias, quer móveis, quer em cortiços, não tem qualquer inconveniente, seja em que época for? A trepidação, mudança de clima, etc., não irá afectar as colmeias?

RESPOSTA — Afigura-se-me inconveniente efectuar nesta altura do ano a transferência dos cortiços e colmeias, porque se vai provocar uma saída de orientação dos insectos no novo local, os quais morrerão de frio.

É preferível, pois, fazer a mudança em fins de Março ou princípios de Abril, escolhendo o momento em que haja alguma floração aproveitável pelas abelhas e a temperatura já seja mais elevada.

O transporte dos cortiços e colmeias pode ser efectuado em caminheta, mas devem tomar-se as precauções necessárias para se não perderem insectos, nem se quebrarem os favos com a trepidação excessiva do veículo.

Na véspera da partida, ao anoitecer,

as abelhas devem ser fechadas nas respectivas habitações, de modo que não lhes falte o indispensável arejamento.

Opera-se do seguinte modo:

a) *nos cortiços*

Voltam-se e tapam-se as bocas com um bocado de serapilheira, bem apertada com um cordel e, depois, metem-se dentro de sacos de tecido frouxo, igualmente atados.

O transporte faz-se com os cortiços de boca para cima.

b) *nas colmeias*

Durante o dia que antecede o marcado para a viagem, levantam-se os telhados e coberturas dos quadros, pregam-se sobre estes umas travessas de madeira delgada e fecha-se a parte superior das caixas com rede mosqueira convenientemente fixada com taxas; fixam-se também com travessas os estrados às respectivas caixas.

Ao anoitecer fecha-se com uma tábua, previamente cortada nas medidas necessárias, a abertura da entrada das colmeias, em toda a sua extensão.

No dia apazado para o transporte, pode efectuar-se o carregamento dos cortiços e das colmeias a qualquer hora, embora convenha o mais cedo possível, desde que se tenham efectuado, na véspera à noite, os preparativos apontados.

Uma vez chegados ao local do destino, os cortiços e colmeias instalam-se nos sítios onde devem ficar definitivamente e só aqui é que devem voltar a ser abertas as respectivas entradas, para os insectos poderem sair à vontade, evitando mexer-lhes durante uns dias.

Pode o senhor consulente adquirir as seguintes obras nacionais:

a) O ABC da apicultura mobilista, distribuído pelo Posto Central de Fomento Apícola, Tapada da Ajuda, Lisboa.

b) Elementos de Apicultura, cuja venda se encontra a cargo de D. Maria Regina de Macedo e Almeida — Estrada da Tornada, Caldas da Rainha.

c) Abelhas e Mel, edição da Livraria Clássica Editora — Praça dos Restauradores, Lisboa. — *Vasco Correia Paixão.*



INFORMAÇÕES

Exposição Avícola do Porto

Efectuou-se no Palácio de Cristal, em 29 do mês findo, sob a presidência do Senhor Secretário de Estado da Agricultura, a inauguração da Exposição Avícola do Porto, promovida pela Filial do Norte da Associação dos Avicultores de Portugal, coadjuvada por várias entidades oficiais.

Como esta noticia, por exigências de impressão e expedição da nossa *Gazeta*, é redigida antes da realização daquele acto, não podemos fazer a este, no presente número, qualquer outra referência.

Reservamo-nos, porém, para, no número próximo, dar ao acontecimento o merecido relevo e apreciar, em pormenor, os diversos aspectos do brilhante certame. Este estará patente ao público até ao dia 7 do corrente.

Estado das Culturas em 31 de Dezembro

Informação fornecida pelo Instituto Nacional de Estatística

Em Dezembro, o tempo excepcionalmente chuvoso, sobretudo durante a primeira e a terceira décadas, contribuiu para dificultar ou mesmo impedir a execução de muitos trabalhos agrícolas próprios da época. Em alguns locais a chuva provocou o aumento anormal do volume dos cursos de água que, inundando as margens, destruíram áreas de cultura apreciáveis.

As temperaturas do ar pouco se afastaram das normais, excepto durante a última década, em que foram sensivelmente superiores. Os ventos que se fizeram sentir com grande intensidade provocaram a queda de muita azeitona e chegaram por vezes a causar danos nas próprias árvores.

Destas condições do tempo ressentiram-se principalmente as searas de praganosos situadas em terrenos de drenagem deficiente, onde o encharcamento prolongado deu origem a desenvolvimento irregular. Por outro lado, nos terrenos de declive mais acentuado também se registaram prejuízos, devido ao arrastamento de terras provocado pelas chuvas torrenciais. Todavia, as searas não afectadas por encharcamento ou arrastamento de terras apresentam bom desenvolvimento vegetativo. Algumas sementeiras efectuadas durante o

UM AVISO para que pedimos a atenção dos Senhores Assinantes

Não desconhecem os nossos assinantes—e não desconhecem porque desde há muitos anos aqui o vimos dizendo—que as cobranças feitas por intermédio das estações postais resultam dispendiosas. Mas além do dispêndio a que obrigam, originam elevado acréscimo de trabalho. Em face disto, vimos pedir aos senhores assinantes—e muito agradeceríamos que o nosso pedido fosse atendido—o favor de, até ao dia 10 de Março próximo, nos enviarem directamente a importância das suas assinaturas. Depois daquela data—10 de Março—, procederemos, a exemplo dos anos anteriores, por intermédio dos CTT, à cobrança das assinaturas referentes a 1960. Como habitualmente, incluiremos nos recibos a emitir nesta primeira cobrança, que se referirá ao ano inteiro, uma pequena importância, destinada a cobrir parte das despesas que a cobrança ocasiona.

mês decorreram em más condições, tendo ficado por semear áreas apreciáveis.

Os trabalhos de monda, indispensáveis em face do acentuado desenvolvimento das ervas infestantes não pôde ser iniciado devido às condições climáticas adversas.

As culturas forrageiras e pastagens espontâneas encontraram condições excepcionalmente favoráveis ao seu desenvolvimento, podendo considerar-se muito boas as condições de alimentação do gado em forragem verde.

Mantém-se a estimativa de produção de azeitona relativa a 30 de Novembro passado, continuando portanto a prever-se uma produção semelhante à média do último decénio, ou seja mais 43% que a produção anterior. Os trabalhos de colheita de azeitona foram interrompidos com frequência, do que resultou uma acentuada irregularidade no ritmo de laboração dos lagares. Dum modo geral, o azeite acusa acidez relativamente elevada.

A engorda do porco de montado decorreu em boas condições, podendo considerar-se a montagem praticamente concluída. Os montados, em consequência do elevado teor de humidade no solo, apresentam bom aspecto vegetativo.

Os mercados e feiras nem sempre puderam funcionar, devido ao mau tempo. No entanto, fizeram-se as transacções habituais desta época, a preços dum modo geral semelhantes aos do mês anterior, com excepção da batata que se vendeu a preços superiores. No que diz respeito ao gado, destacaram-se as variações irregulares do preço dos suínos que desceu nas regiões do sul e subiu nas do norte.

A interrupção frequente dos trabalhos agrícolas, causada pela adversidade das condições climáticas, levou muitos trabalhadores rurais à inactividade temporária forçada. No Sul, onde esta época é habitualmente de reduzida actividade nos campos, o mau tempo contribuiu para agravar a crise de desemprego, que, em parte, foi debelada pela utilização da mão-de-obra disponível em trabalhos públicos.

Boletim Meteorológico para a Agricultura

[ornecido pelo

Serviço Meteorológico Nacional

Influência do tempo nas culturas

2.ª década (11-20) de Janeiro de 1960

O aspecto vegetativo das culturas é, de um modo geral, estacionário; no entanto, o tempo frio e as geadas frequentes em algumas regiões têm prejudicado as culturas hortícolas e os prados. Os cereais praganosos, que se encontram na fase de afilhamento, têm beneficiado do tempo frio, que lhes tem permitido bom desenvolvimento radicular.

Em Trás-os-Montes prosseguiu a apanha da azeitona e a laboração dos lagares. Continuaram a executar-se em condições regulares a poda da vinha e das árvores de fruto e as sementeiras tardias, e começaram em algumas regiões os tratamentos anticriptogâmicos, por vezes dificultados pelas temperaturas baixas do ar.

Cotações do Mercado Abastecedor de Frutas do Porto

No dia 22-1-1960

Espécies	Procedências	Designação das taras	Preços por volume			
			Máximo	Mínimo	Mais frequente	
Tanger...	Sotavento	Cx n.º 1	80\$00	50\$00	80\$00	
	Sotavento	N.º 1	100\$00	30\$00	70\$00	
	Sotavento	N.º 2	110\$00	45\$00	100\$00	
	Sotavento	Cesta	80\$00	50\$00	50\$00	
	Baixo Douro	N.º 2	80\$00	30\$00	60\$00	
	Alto Douro	»	80\$00	20\$00	65\$00	
	Oeste	»	70\$00	50\$00	60\$00	
	Elvas	»	70\$00	55\$00	70\$00	
	Leiria	»	60\$00	—	—	
	Ribatejo	N.º 1	55\$00	30\$00	40\$00	
	Braga	N.º 2	70\$00	25\$00	60\$00	
	R. Concelho	»	65\$00	55\$00	60\$00	
	Setúbal	»	90\$00	35\$00	60\$00	
	Coimbra	»	65\$00	30\$00	40\$00	
	Coimbra	»	90\$00	40\$00	60\$00	
Pera . . .	Oeste	N.º 1	200\$00	170\$00	180\$00	
	Alto Douro	N.º 2	150\$00	50\$00	150\$00	
Limão . .	Baixo Douro	»	35\$00	15\$00	25\$00	
	Braga	»	25\$00	—	—	
Laranja .	Elvas	»	50\$00	40\$00	40\$00	
	Oeste	»	60\$00	50\$00	50\$00	
	Coimbra	»	40\$00	—	—	
	Sotavento	N.º 1	70\$00	40\$00	40\$00	
	Coimbra	»	30\$00	25\$00	25\$00	
	Sotavento	N.º 2	90\$00	45\$00	70\$00	
	Sotavento	Cesta	80\$00	40\$00	50\$00	
	Baixo Douro	N.º 2	65\$00	10\$00	25\$00	
	Alto Douro	N.º 2	90\$00	15\$00	60\$00	
	Mirandela	»	90\$00	30\$00	90\$00	
	Maçã. . .	Alto Douro	»	300\$00	25\$00	70\$00
		Oeste	Cx n.º 1	150\$00	80\$00	130\$00
		Oeste	Cx exp.	120\$00	90\$00	100\$00
		Oeste	D.	—	—	—
		Oeste	Cx n.º 2	140\$00	100\$00	100\$00
Oeste	N.º 2	110\$00	65\$00	110\$00		
Ribatejo	Cx. n.º 1	120\$00	45\$00	120\$00		
Coimbra	N.º 2	100\$00	50\$00	50\$00		
Dão	N.º 2	80\$00	70\$00	72\$50		
Leiria	»	110\$00	50\$00	70\$00		
Baixo Douro	»	100\$00	72\$50	75\$00		

Por quilograma

Bananas.	Funchal	6\$00	5\$00	6\$00
Tomate .	Sotavento	6\$50	—	—

NOTA — N.º (1) São cabazes com o peso de 15 a 22 quilos
 » (2) » » » » » » 20 a 30 »
 Cestas » » » » 20 a 25 »

INTERMEDIÁRIO DOS LAVRADORES

Coelhos Gigante de Espanha leonados, compram-se. Indicar preço para Eurico Miranda Braga — Praça da Sé, 21 — Bragança.



A UNIFA

põe à disposição dos Agricultores

a) Produtos para combater males e pragas

Agral LN — Molhante-aderente para incorporar nas caldas insecticidas e fungicidas.

Albolineum — Emulsão de óleo branco para combater as «cochonilhas» ou «lapas» e «icérias».

Mergamma — Desinfectante da semente do milho, à qual assegura protecção contra os ataques do «alfinete» e doenças criptogâmicas.

Cloroxone — Poderoso insecticida com base em Clordane, indicado para o combate à «formiga argentina».

Didimac 10 e 50 — Produtos com base em DDT, especialmente recomendados para o combate à «traça» da batata e das uvas, e ainda ao «bichado» dos frutos, à «teia» da macieira, etc.

Gammexane 50 (sem cheiro) e **P. 520** — Produtos com base em Lindane, e B. H. C.,

respectivamente, indicados em especial para o combate ao «escaravelho» da batateira, «pulgão» ou «áltica» da vinha, «hoplocampas», etc.

Gamapó A — Insecticida com base em B. H. C., próprio para a destruição dos insectos do solo — «quirónomo» do arroz, «alfinete» do milho, «roscas», etc.

Katakilla — Produto com base em Rotenona, para combater os «piolhos» e outros insectos prejudiciais às plantas.

Malaxone — Éster fosfórico não tóxico com base em Malathion; combate «algodões», «afídios ou piolhos» «traças» das uvas, «mosca» dos frutos, etc.

Quirogama — Insecticida líquido para o combate ao quirónomo ou lagartinha vermelha dos arrozais.

b) Produtos para destruição de ervas e arbustos

Agroxone 4 — Herbicida selectivo com base em M. C. P. A., completamente desprovido de toxicidade para o homem e animais domésticos. O herbicida que permite uma rápida, eficaz e económica monda das suas searas sem causar quaisquer prejuízos aos cereais.

Atlacide — Herbicida total com base em clorato de sódio para a destruição

das ervas daninhas dos arruamentos, jardins, etc.

Trioxone — Arbusticida hormonal, com base num éster do 2, 4, 5 T, embora seja também activo contra diversas ervas daninhas de «folha larga», o 2, 4, 5 T é especialmente eficaz contra plantas lenhosas, tais como silvas, diversos tipos de mato, acácias infestantes, etc.

c) Produtos auxiliares da vegetação

Horthomona A — É um preparado sintético que estimula e ace-

lera a formação de raízes nas estacas.

À VENDA EM TODOS OS DEPÓSITOS E REVENDADORES DA

Companhia União Fabril

Rua do Comércio, 49 — LISBOA

Rua Sá da Bandeira, 84 — PORTO

MOBILIÁRIO USADO

em todos os géneros, para todos os aposentos.

Temos moderno e antigo.

Temos mobiliário em todos os tamanhos e para todos os preços.

Na nossa casa compra o rico, o pobre e o remediado.

Também fabricamos qualquer modelo por encomenda e fazemos entregas ao domicílio.

VENDAS, TROCAS E COMPRAS DE MÓVEIS DE QUALQUER GÉNERO.

ANTIGUIDADES E TUDO DE VALOR.

A **Casa das Móveis Usadas** do Porto é na Travessa de Cedofeita, 46 — Telefone, 25756.

3605

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os olvíos começam. Medicamento por excelência

para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogarías

**VICENTE RIBEIRO & CARVALHO
DA FONSECA, LIMITADA**

RUA DA PRATA 237 - LISBOA



**Companhia Horticola-
Agrícola Portuense, Limitada**

*O estabelecimento Horticola mais
antigo e completo da Península*

Fundado em 1849

*Adubos para todas as culturas — Fórmulas químicas e químico orgânicas — Árvores florestais e de fruto — Oliveiras e videiras — Distintas variedades, rigorosamente seleccionadas — Sementes de horta e forragens — Acabamos de receber dos nossos antigos fornecedores do Estrangeiro, verdadeiramente seleccionadas e com todas as garantias, sementes de Horta e Forragens, a preços razoáveis * Batata de semente — Anualmente importamos batata de semente, devidamente certificada, das variedades mais produtivas e mais acreditadas no nosso País.*

Catálogos grátis a quem os requisitar

QUINTA DAS VIRTUDES

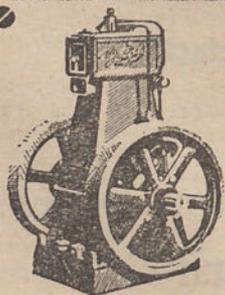
Rua Azevedo de Albuquerque, 5 — PORTO

Telefone, 21632

Telegramas: HORTICOLA — PORTO

MOTORES A ÓLEO

BAMFORD



Desde 3 1/2 HP - 600 R.P.M.

O MELHOR
MOTOR INGLÊS
PARA A
AGRICULTURA
E PEQUENA
INDÚSTRIA

DIESEL

RESISTENTES
SIMPLES
FÁCEIS DE
MANEJAR
ECONÓMICOS
GARANTIDOS

JAYME DA COSTA, L.^{da}

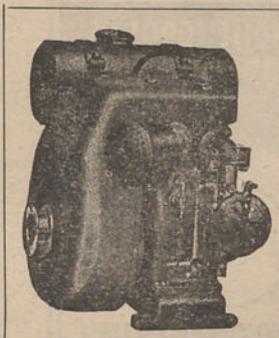
14 - R. das Correioiros - LISBOA

12 - P. da Batalha - PORTO

MECÂNICA E ELECTRICIDADE
EM TODAS AS APLICAÇÕES

Motores e Grupos de Rega

VILLIERS



MOTORES A PETRÓLEO

QUATRO TEMPOS

MARK 10, MARK 20, MARK 25, MARK 40

1,1 HP 2 HP 2,4 HP 3,3 HP

GRUPOS DE REGA DE

1 1/2" 2" 2 1/2" 3"

ENCONTRÁ-LOS-A NAS BOAS CASAS DA SUA REGIÃO

REGUE COM VILLIERS E REGARÁ TRANQUILO

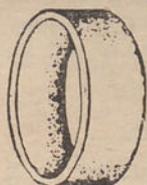
AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

SOCIEDADE TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.

PORTO — Av. dos Aliados, 168-A
Telef. 26526/7

LISBOA — R. Filipe Folque, 7-E e 7-F
Telef. 53393 3532

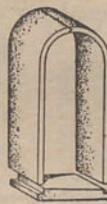
3199



Argola para poços



Tubos de cimento

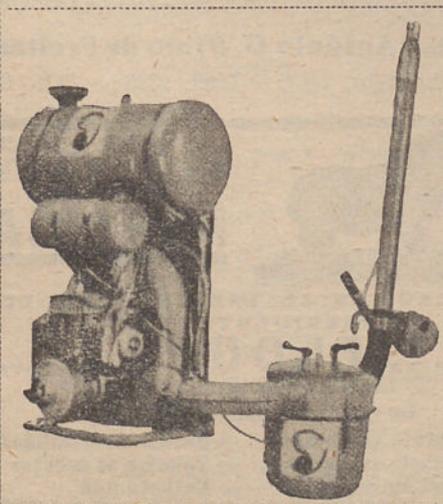


Peças para minas

A INDUSTRIAL DO BARBEIRO

VILA NOVA DE FAMALICÃO—Telef. 115

Fábrica de: Tubos de cimento para a condução de água a qualquer pressão, Blocos, Argolas para poços, Peças para minas, Postes para Iluminação Pública, Barricas em cimento para sulfatação. Chamamos a atenção para as peças para minas, tubos e argolas de cimento, por ser um fabrico ainda bastante desconhecido e de duração sem confronto. Armazém de: Ferragens, Drogaria, Telha, Cimentos, Cal hidráulica, Cal gorda, Sal, Adubos químicos, etc.



« A M I C A »

o atomizador-polvilhador perfeito

4 técnicas de espalhamento:

- Atomização dos produtos em emulsão aquosa;
- Polvilhamento em névem com antiparasitários em pó seco;
- Polvilhamento a curta distância;
- Polvilhamento com pós humidificados.

ECONOMIZA: 20 % de substância activa; 90 % de água e 60 % de mão de obra.

Importadores exclusivos:

Sociedade Comercial Rex, Limitada

Rua Rodrigo da Fonseca, 91, 1.º
Telefs. 683994-687125—LISBOA

3615

OENOL

*Sociedade Portuguesa
de Oenologia, Lda.*

Importadores - Armazenistas
DE
Produtos Enológicos
Material de Adega
E
Material de Laboratório

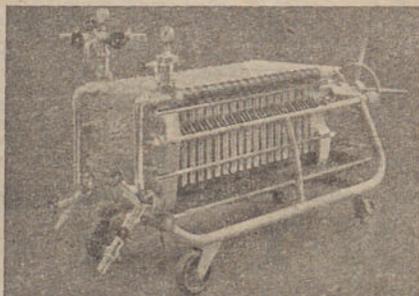
LISBOA — Rua da Prata, 185, 2.º
Telefones: 2.8011 - 2.8014

2860



3686

Filtros Esterilizadores e Kieselgur — Amiantos e Placas — Bombas Reguláveis em Aço Inoxidável — Máquinas de Capsular, Encher, Lavar, Rolhar, Rotular e todo o material para caves.



SEITZ-WERKE G. m. b. H.

Representante em Portugal, Ilhas e Ultramar
H. W. DAEHNHARDT

Tr. do Almada, 20-2.º, Dt.º — Telef. 20891-33319 — LISBOA

Agente no Norte — **António G. Pinto de Freitas**
Largo de S. Domingos, 14-15 — Telef. 27350 — PORTO

3602

Fábrica de Passamanarias
(FUNDADA EM 1910)

Galões de seda para paramentos
de Igreja

Elásticos para suspensórios, calçado,
cintas, etc.

GARCIA, IRMÃO & C.ª L.da

Avenida Fernão de Magalhães, 1201
Telef. 41273 PORTO

3525



1369
**CONTRA A
PAPEIRA**

EM CADA TRIMESTRE OS CRIADORES
PREVIDENTES DÃO

MARCA **PLOUGH** (CHARRUA)

(Allen & Hanburys, Ltd., Londres)

em cápsulas gelatinosas de 1 c. c.

— Produto garantido — Reduz a mortalidade
— Eficácia comprovada — Valoriza as cabeças
— Fácil aplicação — Melhora a lã
Agentes: COLLYNOR, L.da-R. Donradores, 29-1.º-LISBOA

* COSSONAY (SUIÇA) * OSLO * S. PAULO *

LONDRES * ANVERS * ARCISATE (ITALIA)

YARMOUT (CANADA) * VIENA * MADRID * ATENAS



1951

Um simbolo de confiança na ali-
mentação do gado e das aves.

PROVIMI-PORTUGUESA

Concentrados para Alimentação de Animais, L.^{da}

Rua do Machado, 47 - Carnide

LISBOA

Fabricantes-Concessionários em várias regiões do País

* CASABLANCA * ROTTERDAM * PARIS/CROIX *

Fábrica de Porcelana da Vista Alegre, L.^{da}

PORCELANAS PARA USOS
DOMÉSTICOS E INDUSTRIAIS
.....
DECORATIVAS E ELÉCTRICAS

A sua produção é considerada
a melhor e a mais artística,
rivalizando, em qualidade,
com as estrangeiras.

LISBOA

Largo do Chiado, 18

PORTO

Rua Cândido dos Reis, 18

E À VENDA NOS ESTABELECIMENTOS
DA ESPECIALIDADE

1850

A BATATEIRA

Pelo Engenheiro-Agrónomo Artur Castilho.
Profusamente ilustrada, é a obra mais com-
pleta e mais desenvolvida que até hoje se
tem publicado em Portugal sobre a batata,
suas variedades (são descritas mais de 200),
cultura e aplicação, tudo cuidadosamente
tratado nos seus diferentes capítulos

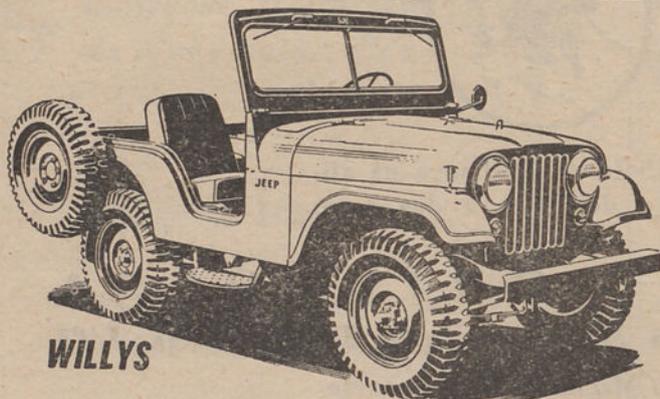
Preço, incluindo porte do correio e
registo—Esc. 27\$50; à cobrança, 29\$00

□

PEDIDOS À

Gazeta das Aldeias

Jeep®



WILLYS

O VEÍCULO PARA
 TODO-TERRENO
 CONSTRUÍDO EM
 MAIOR NÚMERO
 EM TODO O
 MUNDO E PREFE-
 RIDO PARA TO-
 DOS OS SERVI-
 ÇOS, DEVIDO À
 SUA INCOMPA-
 RÁVEL RESIS-
 TÊNCIA E VER-
 SATILIDADE DE
 DE APLICAÇÃO

ÚNICOS REPRESENTANTES E DISTRIBUIDORES GERAIS

IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS, LDA.

(I C A L)

Avenida da Liberdade, 35-1.º — LISBOA

3427

O Caminho
 de Ferro é
 o transporte
 ideal, pois é
 seguro, rá-
 pido, prático
 e econó-
 mico.

1593

Granja Avícola Ria-Mar

Pintos e Patinhos

Raças de postura — Raças de carne

Leghorn Branca — New-Hampshire — White-Rock

Garrisson (carne)

Khaki Campbell — Corredor Indiano

Peking (carne)

Costa Nova — AVEIRO — Telef. P.P.C. 23868

3021

**Cruz, Sousa
 & Barbosa,
 Limitada**

Papéis

2457

**e
 Máquinas Gráficas**

Telefs. 27656 e 27657

R. S.º António, 165

P O R T O

Todos os produtos legal-
 mente autorizados para
 a indústria vinícola.

VINHOS

Material de Adega e
 acessórios para
 todas as aplicações.

Material de laboratório, reagentes e análises

TUDO PARA A VITI-VINICULTURA

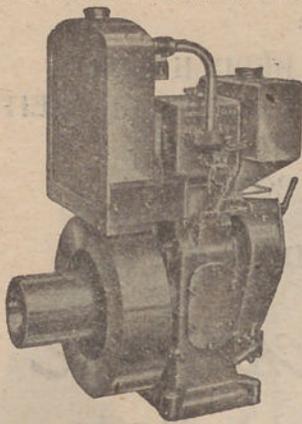
Consultar sempre: **A. DUARTE** (Organização Técnica de Enologia)

Rua do Arsenal, 84-2.º Esq.

LISBOA — 2

Telefone, 366284

3593



Motor Diesel «A B C»

MOTORES a gasolina, a petróleo e a gasoil.

GRUPOS MOTO-BOMBAS para tirar água (de motor a gasolina e a petróleo).

MATERIAL VINÍCOLA — Esmagadores de uvas; Prensas para bagaço; Cinchos; Bombas de trasfega, etc., etc.

DESCAROLADORES do milho (manuais e para motor); Tararas e muito outro material agrícola.

Adubos — IMPORTADORES

SEMENTES das melhores procedências nacionais e estrangeiras, para horta, prado e jardim.

PEDIDOS AO

Centro Agrícola e Industrial, Lda.

Telefs. 25865/6 * R. Santa Catarina, 309—PORTO * Telegr. «Agros»

2747

2736

Bosch

**BOMBAS E INJECTORES
PARA TODOS OS MOTORES AGRICOLAS
E SUA REPARAÇÃO
COM PEÇAS GENUINAS BOSCH**

E. T. ROBERTO CUDELL, L.^{DA}

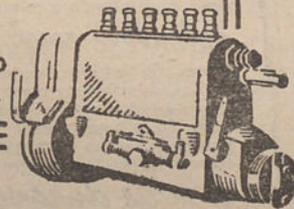
PORTO

LISBOA

R. Faria Guimarães 883

R. Passos Manuel 30

112 Av. Duque Loulé 120



Produtos V.A.P.—Portugal

(Fórmulas Inéditas)

GLYCOL

(O Ideal da pele)

O único preparado que realiza a máxima beleza, dando à pele o raro encanto da mocidade

V
A
P

VAP

(Elixir dentífrico concentrado)

Um sonho realizado: aroma sedutor, frescura inextinguível e higiene máxima

À VENDA NAS MELHORES CASAS DO PAÍS

Depositários Gerais: **Ventura d'Almeida & Pena** — Rua do Guarda-Mor, 20-3.º-Esq.-LISBOA

ENVIAMOS ENCOMENDAS PELO CORREIO À COBRANÇA

1508

Visite V. Ex.^a a

Ourivesaria Aliança

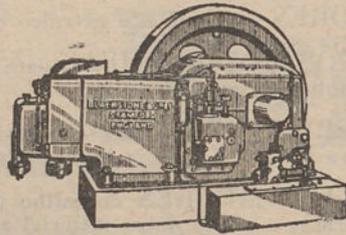
onde encontrará

Jóias, Pratas,
Mármore e Bronzes

a preços fixos.

PORTO 3056
191, R. das Flores, 211

Filial em LISBOA:
R. Garrett (Chiado), 50



PARA:

- DEBULHADORAS
- LAGARES DE AZEITE
- MOAGENS
- BOMBAS

MOTORES DIESEL

Lister-Blackstone

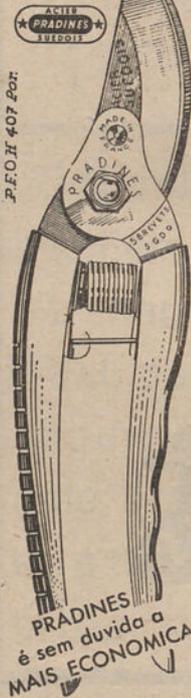
Pinto & Cruz, Limitada

Rua de Alexandre Braga, 60-64 — Telefone, 26001/2 — PORTO

2177

A Tesoura mais apreciada!

PRADINES nº4



P.F.O.H 407 Por.

PRADINES
é sem duvida a
MAIS ECONOMICA

LAMINA
SUBSTITUIVEL
EM AÇO SUECO

Especialmente criada para
satisfazer as exigencias pro-
fissionais mais severas dos
Viticultores e Arboricultores.

leve mas robusta

A elevada resistencia dos aço de alta
qualidade que entram no seu fabrico,
permiu reduzir consideravelmente o
peso, aumentando a robustez.

potente e confortavel

A precisão de fabrico de todos os seus
órgãos, a lamina de gume incisivo, a
forma estudada para comodidade de
manobra, o amortecedor de choque,
permitem realizar **sem esforço** cortes
perfeitos nos mais grossos ramos.

a mais duravel

Todas as vantagens indicadas fazem
com que esta seja a tesoura de
maior duração. Durante muitos
anos esta tesoura vos prestará os
melhores serviços.

PRADINES

A FERRAMENTA DE PRECISÃO DA CIRURGIA ARBORICOLA E VITICOLA

NOVIDADES AGRICOLAS RODANA L^o

Rua Teixeira de Pascoais 21 E

Rua Dr. Gama Barros 60

Telefone 728848 LISBOA - 5

Representantes Exclusi-
vos para Portugal Ilhas
e Ultramar

Concedem-se Agencias nos concelhos Disponiveis

AVERY

2876

A MARCA COM MAIS DE 225 ANOS DE EXISTÊNCIA

Balanças * Básculas * Medidoras para
petróleo, azeite e óleo * Cortadores
para fiambre * Moinhos para café *
Picadoras

MODELO A. 952

Capacidade—10 quilos
Mostrador — 1 quilo
Divisões—5 gramas

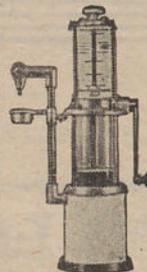


Balança semi-auto-
mática precisa,
moderna e de ele-
gante apresentação

MODELO M4CH

Medidora para Petróleo, Azeite e Óleo

Medição rigorosa e automática
nas capacidades de 1/2 e 1
decilitros, 1/8, 1/4, 1/2 e 1 litro



ESMALTADA A BRANCO
RÁPIDA E HIGIÊNICA
ELEGANTE, ROBUSTA E EFICIENTE

AVERY PORTUGUESA, L.^{DA}

SEDE—LISBOA—Rua Braamcamp, 66-70—Telef. 42001

FILIAL—PORTO—Rua D. João IV, 23—Telef. 22144

COIMBRA—Rua da Sofia, 164—Telef. 4512

AGÊNCIAS: FUNCHAL—R. Ferreiros, 18—Telef. 318.2286



O QUE DÁ RESULTADO CERTO... NUNCA É CARO

Sabendo que por cada 100 kgs. de NITRATO DO CHILE aplicados na **cultura do trigo** em cobertura se obtêm mais 250 kgs. de grão — não há que hesitar, nem recorrer a produtos mais baratos.

Empregando NITRATO DO CHILE tereis a garantia de usar um produto **natural**, nobre e de comprovada eficiência.

Com NITRATO DE SÓDIO DO CHILE garante-se a **fertilidade dos solos** e a **sanidade das culturas**.

30 elementos secundários (Boro, Manganés, Iodo, Molibdênio, etc.). **Não acidifica** as terras.

O adubo azotado com maior experiência nos solos do País.

POR ISSO A LAVOURA O
PREFERE E O EXIGE



NITRATO
DE SÓDIO DO

CHILE

CIANAMIDA CÁLCICA

CAL AZOTADA

20-21% DE AZOTO

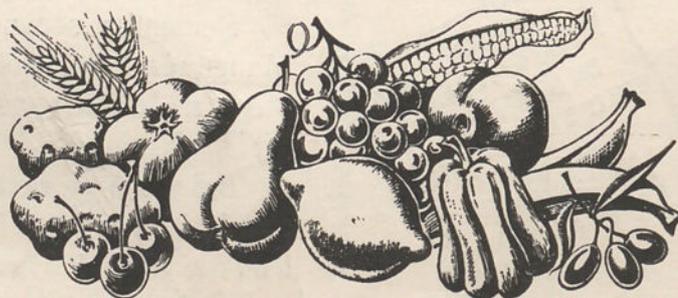
O ADUBO AZOTADO COM
MAIOR PERCENTAGEM DE CAL

*OS MELHORES RESULTADOS EM SOLOS ÁCIDOS
NAS SEGUINTE CULTURAS:*

ARROZ, MILHO, CEREAIS DE PRAGANA,
BATATA, OLIVAL, VINHA, POMAR, etc.

E AINDA

NA PREPARAÇÃO DE ESTRUMES E
NO COMBATE ÀS ERVAS DANINHAS



COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉCTRICOS

INSTALAÇÕES FABRIS
CANAS DE SENHORIM



SERVIÇOS AGRONÓMICOS
LARGO DE S. CARLOS, 4-2.º
LISBOA—TELEFONE 368989